

EM TEMPO!

Semanário Nacional • Ano III • nº 97 • 17 a 23 de janeiro de 1980



VESTIBULAR

Pesquisa oficial comprova:

POBRE NÃO PASSA MESMO

Veja aqui as suas chances:

A partir de dados estatísticos das próprias autoridades educacionais e, de acordo com seu nível de renda, veja aqui as suas chances de entrar para a Universidade. (Págs. 8 e 9)

Exclusivo

CORTÁZAR

Uma viagem à Nicarágua
Sandinista

(Pág. 16)



MUDANÇA DA CAPITAL?

OU



VERBAS PARA:

EDUCAÇÃO-SAÚDE-SANEAMENTO BÁSICO
REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO ESTADO

MOVIMENTO CONTRA A MUDANÇA DA CAPITAL
...por melhores condições de vida...

Cresce o Movimento
Contra a Mudança
da Capital

(Pág. 7)

Veja
também
nesta
edição:

***PT:** A saída de Ayrton Soares do PMDB e uma entrevista exclusiva com Antonio Carlos de Oliveira — o presidente de um diretório regional do extinto MDB que passou para o PT. (Págs. 3, 4 e 5)

*** Gabeira:** A política sexual da esquerda é fruto de uma visão burguesa (Pág. 11)

*** Maurício Tragtemberg:**
O perigo do fascismo «proletário». (Pág. 14)

Contribuição à História da Esquerda Brasileira:

O que foi e o que é o MR-8 (Págs. 13 e 14)

Um Maluf de bombacha e espora

Na semana que passou, o nobre deputado federal Claudio Strasburger, um dos expoentes do partido de Figueiredo no Rio Grande do Sul, voltou a ter lugar de destaque na imprensa gaúcha. Com matérias pagas nos principais jornais, canais de televisão e um bom espaço no jornal Nacional da Rede Globo, o ex-secretário de Indústria e Comércio do Estado veio a público negar as conclusões da CPI que o acusa de malversação do dinheiro público, apresentando-se como vítima de uma trama política para denegrir o seu nome, o do partido do governo e, por tabela, o do próprio governo.

Pois segundo o resultado da CPI, o deputado-vítima foi artífice de uma negociada que lesou os cofres públicos em nada menos de Cr\$ 12.362.900,00 revelando uma incrível vocação para, em pouco tempo, transformar-se num Maluf de bombacha e espora. A transação envolve a compra de 62 hectares de terra, pertencentes à Companhia de Carnes e Derivados de Bagé-CICADE efetuada pela Cia. Est. de Desenvolvimento da Indústria e Comércio — CEDIC — sociedade de economia mista, vinculada à secretaria de Indústria e Comércio do Estado.

Os técnicos da CEDIC avaliaram a gleba em Cr\$ 4.918.700,00, mas a direção da empresa comprou-a pela exorbitância de Cr\$ 17.281.600,00. As explicações iniciais de Strasburger e de Antonio Anchau, diretor da CEDIC e também responsabilizado pela negociata, e que foi pago o preço apontado pelas «médias aritméticas» das diferentes avaliações sobre o terreno. Só que a avaliação feita pela equipe da CEDIC, dirigida por Iba Ilha Moreira Fº, seguiu todas as normas científicas necessárias trabalhando na avaliação por cerca de dois meses. As outras avaliações, uma foi feita pelo técnico da CICADE, em apenas 24 hs, sem obedecer as normas da ABNT, avaliando o terreno em mais de 18 milhões de cruzeiros. Para «desempatar» a contenda o presidente da CEDIC indicou uma comissão, que foi nomeada por Strasburger, composta pelo prefeito e outros «notáveis de Bagé, que apresentou então o preço definitivo: 17 milhões e uns quebrados. Só que essa «Comissão de Notáveis» não tinha nenhuma competência técnica e sua intervenção nenhum valor jurídico, ficando claro que foi arranjada depois de conhecido o laudo do sr. Iba Ilha Moreira.

A bem da verdade deve-se dizer que o dinheiro ganho na negociata não foi parar, ao menos diretamente, nos bolsos de Strasburger.

O jogo é um pouquinho mais complicado, constituindo-se como uma peça da estratégia eleitoral do nobre deputado. A CICADE, empresa que estava às vésperas da falência e que ainda hoje, só para o Banco de Crédito Cooperativo, deve mais de 70 milhões, funcionou como eficientíssimo cabo eleitoral para Strasburger. E o ex-secretário, além de ser candidato do Diretório da Arena de sua cidade, Novo Hamburgo, também o foi pelo município de Bagé, onde concorreu em dobradinha com o ex-prefeito, atual deputado estadual Camilo Moreira e membro da Comissão dos Notáveis que decidiu a compra de terras.

A estratégia eleitoral de Strasburger, sem dúvida que deu certo, pois conseguiu 105 mil votos no Estado requer, ou um intenso trabalho popular ou muito dinheiro e corrupção. Aliás em alguma gaveta do Tribunal Regional Eleitoral está guardado um processo onde o MDB prova que o ilustre deputado é campeão em corrupção eleitoral tendo inclusive invertido mais dinheiro na campanha do que o permitido pela lei.

O que Strasburger talvez não esperasse é sua responsabilização civil e criminal pela negociata, que o obriga a devolver aos cofres públicos, o dinheiro pago acima do valor das terras. E como o relatório da CPI já foi enviado para a Justiça e para o governador do Estado, quem está com a bomba na mão agora é Amaral de Souza, pois, caso queira proteger o seu companheiro político, terá de responder politicamente por convicção com a negociata. Além disso, como a negociação foi fraudulenta, uma ação popular impetrada por qualquer cidadão poderá anular a compra da terra e Amaralzinho terá de responder então aos cidadãos de Bagé pelo atraso na implantação do Polo Protético. (L.A.)

gerais

O dinheiro de Brizola

Os petebistas consideram uma calúnia dizer que Leonel Brizola está sendo financiado pelo capital da Social Democracia alemã. E, para comprovarem que o PTB, coerente com suas definições nacionalistas, só usa dinheiro autenticamente nacional, o empreiteiro Antonio Avila, proprietário de uma empresa de engenharia e construções no Rio de Janeiro, foi a Porto Alegre com provas de que Brizola está sendo financiado pelo próprio capital nacional.

Segundo as provas, as despesas no Rio que atingem uma média mensal de 136 mil cruzeiros; o automóvel Opala/79, e as diversas viagens do casal Brizola, são financiados por um grupo de empresários que acredita firmemente nas propostas políticas do governador gaúcho.

Disse ainda o empreiteiro que Brizola já recebeu a proposta de

dez indústrias paulistas que se ofereceram para ajudar as suas campanhas, mas que o líder trabalhista está estudando o assunto para ver se entre eles não existe infiltração de capital estrangeiro. E no Rio Grande do Sul existe um fundo criado pela contribuição mensal de empresários e pecuaristas gaúchos, suficientes para pagar as despesas de viagens, o aluguel de uma casa num dos bairros ricos da cidade e também um contra com a rádio Faurouilha que, a partir desta semana, transmitirá semanalmente uma palestra do ex-governador. Fundo entre amigos que não deve ser nada desprezível, já que à última palestra do governador, que foi transmitida por uma hora, custou cerca de 100 mil cruzeiros.

Comissão Provisória

Com tanto capital financiando as andanças do sr. Brizola, é quase certo que o PTB consegue sua le-

galização e a assim concretizar o sonho de juntar num mesmo partido patrões e operários, pecuaristas e peões, todos nacionais, é claro.

E para mostrar que a lei está sendo seguida à risca, o sr. Leonel Brizola, em sua última visita ao Estado, aproveitou para nomear a Comissão Regional Provisória do PTB, composta na sua maioria absoluta pela ala direita, chamada de «trabalhistas históricos» e com apenas três representantes da Associação de Estudos e Debates.

E refletindo a a divisão de trabalho dos partidos de aliança de classe, onde o patrão manda, o operário vota, na comissão provisória de 11 membros, dez são velhas raposas políticas e os trabalhadores se fazem representar apenas por João Paulo Marques, presidente do Sindicato do Vestuário. (L.A.)

Perrone aterroriza trotskos

O ex-deputado pelo MDB Fernando Perrone, transformado em «experto» (em realidade todo mundo sabe que ele é o bastante)... em comunicações, e responsável pela rubrica «Imprensa» no Jornal da República, ameaçou escrever sobre a imprensa alternativa em sua coluna semanal.

Mas nosso semi-alternativo comunicólogo mudou de idéia, apesar de já ter dado inclusive uma «espiada» no Movimento e no Em Tempo, este último para ele «transformado em arauto dos trotskos enganchados no prestígio do Lula».

E o que dá escrever artifos na base de «espiadas» e o Perrone deve ter dado algumas, em nosso jornal, na obra

do falecido Bronstein e no prestígio do Lula para chegar a esta conclusão tão lapidar. Se seus métodos de trabalho fossem menos irresponsáveis, ele pelo menos chegaria à conclusão de que há em Em Tempo uma saudável diversidade de pensamento, como de resto no Jornal República, que permite a convivência em suas páginas de opiniões que vão dos discípulos do Profeta até aos sobrinhos do tio Josef.

Por paradoxal que seja o pequeno comentário do Perrone teve a capacidade de semear o terror nos trotskistas do jornal, que, como todos sabem, são meio paranóicos. Desde de agosto de 1940 eles se sentem perseguidos por picaretas. (MAG)

Portela abre alas

«É certo que numa sociedade burguesa, regida por um vasto sistema de privilégios, a liberdade passa a ser algo de utópico e quimérico. Possuímos apenas a liberdade facilitada pelo consentimento burguês, a liberdade condicionada, permitida, consentida, pela ordem social vigente. É, portanto, a liberdade protetora, mantenedora do status quo dominante, que está nas mãos de poucos e alimenta-se no arbítrio das oligarquias. E se enfraquece ou morre, quando incomoda estas oligarquias, quando ameaça aqueles privilégios».

De quem são estas palavras? De um radical subversivo, recém saído da clandestinidade?

Nada disso. O autor é nada mais, nada menos do que Eduardo Portela, atual ministro da Educação e Cultura e estão no livro «Política-Externa e Povo Livre», editado em 1963 pela Editora Fulgor na Coleção Universidade do Povo.

A indicação de Portela para o Ministério da Educação e Cultura não foi, no entanto, como pensam os «duros» do regime, uma perigosa abertura para a penetração de idéias corrosivas no interior da própria máquina governamental. Com uma linguagem bem mais contida, Portela tem conseguido manejar habilmente uma política de «sorriso» cativando desde o início a complacência e até mesmo o apoio de setores intelectuais e culturais até então críticos da política cultural oficial. Isto ao mesmo tempo em que o regime vem conseguindo implementar uma política de institucionalização da repressão (veja a criação do Conselho Superior de Censura, existente em lei desde 1968, mas engavetado com o AI-5) ao mesmo tempo que opera com um orçamento cada vez mais reduzi-

do, condenando a Univesidade a uma crise permanente de verbas.

Um exemplo de que a postura do Ministro frutifica está no movimento dos cineclubes que programa para o próximo mês, um Encontro de delegados de cineclubes de todo o país (ver EM TEMPO nº 96). Praticamente destruído no período 68/73, o movimento ressurge em 1974 sempre se caracterizando por uma postura de oposição expressa em sucessivos documentos aprovados em Encontros anteriores, que se posicionavam pela independência do movimento cineclubista perante o estado. Rompendo com esta tradição, a atual direção do Conselho Nacional de Cineclubes, resolveu convidar para abertura oficial da ojrna da nacional que se aproxima o ministro Eduardo Portela, em um gesto que pode bem interpretado como de aproximação e boa vontade para com a política cultural oficial.

O gesto da diretoria do CNC já começa a despertar inquietação e protesto entre os cineclubes, sendo que a Federação Mineira distribuiu nota «conclamando ao Conselho Nacional que não efetive o convite, que exige um amplo debate no movimento». (Da Sucursal)

ELA É BRASILEIRA. ESTÁ PRESA NOS CÁRCERES URUGUAIOS DESDE 1972.

O GOVERNO BRASILEIRO É CADA UM DE NOS E RESPONSÁVEL.

LIBERDADE PARA FLÁVIA



Este anúncio será publicado por este jornal até o dia da libertação de Flávia



«Marcos Faerman faz seu trabalho de uma maneira única. Nenhum jornalista brasileiro chegou tão perto da emoção nacional como ele. O seu texto tem sido para nós o estabelecimento do ritmo do coração, o registro do som que bate nas veias da nossa gente. Frase a frase, o seu texto compõe-se de uma visão dolorida do real, nele sempre um ponto de partida para a construção humana, representada pelo desejo de contar e recontar a história dos homens, uma história dos mens, uma história empaticamente própria, a história de Marcos Faerman».

Jacob Klintonitz

Minas supersônica

Em Minas, continuam crescendo as adesões à campanha contra a localização do novo aeroporto internacional na região de Confins, próximo ao município de Lagoa Santa, conhecida mundialmente no campo científico por abrigar material paleontológico e por seu enorme valor ecológico. Iniciada em agosto através dos esforços do Instituto dos Arquitetos do Brasil-seção MG, Centro de Conservação da Natureza, Centro de Pesquisas Geológicas, Sociedade Ornitológica Mineira e a Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente, a campanha hoje conta com o apoio de mais nove entidades científicas e ecológicas.

O governo, frente a repercussão dos protestos, resolveu adotar uma saída de compromisso mas contraditória: reconheceu a importância da criação do Parque Ecológico do Sumidouro, abarcando a área de Confins, mas manteve a localização do aeroporto no mesmo sítio, apenas deslocando a pista de pouso em raio de 2 quilômetros de um local onde ficara evidente a impropriedade do terreno e o dano que resultaria às grutas da região. Solução contraditória porque será inevitável o impacto do aeroporto sobre a ecologia da área, considerada uma das mais ricas da região abrigando cerca de 70 espécies animais, sendo que duas em extinção.

Porisso, a campanha continua, apesar do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos, já ter assinado o «edito de concorrência para terraplanagem, pavimentação, drenagem e obras complementares». Enquanto aguardam um estudo mais aprofundado sobre o impacto ambiental que a construção do aeroporto causaria, as entidades prometem lançar mão até mesmo de uma Ação Popular no sentido de obstaculizar a localização do Aeroporto em Confins.

Previsto com uma capacidade para 80 mil aviões por ano e alardeado com um dos mais modernos do mundo, o aeroporto custará nada menos que 300 milhões de dólares, isto é, cerca de 15 bilhões de cruzeiros! Fontes bem informadas garantem que este «filet-mignon» já está praticamente garantido para um consórcio envolvendo duas grandes firmas nacionais da construção civil. E enquanto os cofres estão abertos para este tipo de obra faraônica, que será utilizada por apenas 4% da população bem ao gosto dos grandes «lobies» da construção civil, o ministro Delfino Netto liberou apenas 40 milhões dólares, dos 330 reclamados, para o Plano Mineiro de Desenvolvimento Social. (Da Sucursal).

Receita para ver Sinatra

Como bom babaca, você deve ser um americanófilo de primeira. E como bom subdesenvolvido americanófilo, você deve achar que o Frank Sinatra é o melhor cantor do mundo e muito provavelmente vai ao Maracanã, ver o gagá cacarejar melodias bem ao seu gosto, embora seja em língua que você não domina muito bem (não porque não queira: uma das coisas que os babacas gostam é de fazer citações em inglês).

Aqui vão umas previsões para a sua noite maravilhosa: a noite que vai ser lembrada e contada na posteridade, como «o dia que eu vi Frank Sinatra ali pertinho de mim».

Previsão 1: vai chover pra chuchu.

Previsão 2: as muitas toneladas de equipamento do som não vão conseguir esconder que o Sinatra já era.

Previsão 3: um trombadão vai te garfar na saída.

Previsão 4: teu carro vai ser roubado na porta do Maracanã.

Previsão 5: a manchete de todos os jornais diários do dia seguinte vai ser «A VAIA DO SECULO».

Previsão 6: todo mundo vai te gozar por ter ido lá e se ferrado.

Previsão 7: você vai continuar sendo babaca.

(RVN)

PT puxa o tapete do PMDB

O autêntico Airton Soares entra para o PT. Dentro do PMDB os «populares» estão insatisfeitos com os conchavos finais do partido. As definições programáticas e a estrutura interna de poder, reafirmam o novo MDB, ao igual que o antigo, como um partido insensível e fechado aos movimentos populares, voltado para o parlamento, exclusivamente. Por seu lado, o PT, após uma fase preliminar de articulação nacional, começa agora a abrir caminho dentro do próprio Congresso, tirando do PMDB suas expressões mais combativas e populares.

Os acertos finais para a organização do PMDB estão revelando seu verdadeiro caráter. A nível do programa - que está recebendo a redação final esta semana em Brasília - os que esperavam que com a saída de notórios adesistas e moderados do antigo MDB, o partido aprofundasse sua oposição ao regime militar, estão se frustrando. No plano político, a combatividade anti-ditatorial que o extinto MDB conseguiu por vezes inflamar na opinião pública, não está se traduzindo numa proposta de oposição radical à ditadura. Até mesmo a tese de uma Assembléia Nacional Constituinte foi "esquecida" numa versão preliminar do programa. E, sobre as questões sócio-econômicas, o discurso pemedebista tem trilhado um caminho genérico de conclamações por uma sociedade mais justa e humana, passando ao largo, ou enunciando de maneira simplesmente retórica e abstrata, as grandes teses que hoje empolgam os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores.

Por outro lado, sua estrutura interna de poder evidenciada nos resultados dos conchavos contemplou, de maneira apenas marginal e simbólica, as oposições de cunho mais popular. Apenas dois parlamentares autênticos na Comissão Nacional e as estaduais, já acertadas de cima para baixo, reforçam o poder dos liberais e moderados.

Enfim, o PMDB continua sendo um partido liberal, ainda que desajeitado e com rompantes de um certo democratismo radical. E o que é o mais importantes, um partido tradicional, eleitoreiro e parlamentarista, não somente paralelo, mas alheio, insensível e fechado, ao movimento de massas.

Tão logo este quadro se configurou definitivamente, ao longo desta semana, não deu outra. Os parlamentares mais combativos, que já vinham se manifestando adversários deste desfecho agrupando-se dentro da denominada Tendência Popular, começaram a perder suas esperanças no PMDB.

Na segunda feira, em Brasília, o federal Airton Soares de São Paulo, anuncia sua entrada para o Partido dos Trabalhadores e seu empenho e esperança em trazer outros companheiros da Tendência Popular. Um dos mais, senão o mais combativo e corajoso parlamentar federal do extinto MDB notório por sua luta contra o sistema de repressão e tortura no Brasil, Airton declarava à imprensa: o que o momento político requer hoje é um partido colado à mobilização dos setores populares e capaz portanto de servir e impulsionar sua organização.

Seguindo o mesmo caminho de Airton outros parlamentares estaduais começam também a dar suas declarações de decepção com o PMDB e de ingresso no PT.

Enfim, o PT começa a arrombar as portas do Congresso, apesar da descrença ainda de muitos.



Marco Aurélio Ribeiro e Airton Soares, dois parlamentares agora no PT, dando apoio aos piquetes de março de 79 na greve do ABC.

Nosso partido não «é de vanguarda»

Edson Kahir, deputado federal pelo ex-MDB e já há meses o primeiro parlamentar do Partido dos Trabalhadores, fala aqui do significado da proposta e do estado atual da articulação carioca.

Por Carlos Tibúrcio



Como você está vendo a organização do PT, de modo geral, e qualquer opinião sobre esse processo no Rio de Janeiro?

— A proposta de PT traz em si uma carga inovadora e revolucionária tão grande, que se trata do fenômeno mais rico que já ocorreu no Brasil nos últimos 50 anos. A idéia de um partido surgido a partir dos próprios trabalhadores, que decidem gerir o seu destino político. O PT nós o entendemos como um partido de massas, um partido que quer trabalhar com maiorias; um partido no qual há um certo empirismo, como já dizia Mário Pedrosa, mas que é necessário para que haja mais liberdade em sua construção. Os trabalhadores não aceitam mais tutelas, sejam elas de intermediários, sejam elas de fatores pseudo-ideológicos, que, às vezes, usando uma retórica vanguardista, trazem na realidade todo o cacete histórico incapaz de livrá-los da tentativa de impor aos trabalhadores uma outra espécie de canga que não aquele que o populismo no passado usou e, agora,

nos últimos 15 anos de tirania militar, o regime substituiu por uma brutal repressão.

Seja a brutal repressão, seja a tutela populista, o trabalhador repudia ambas, como também repudia a terceira tentativa, que se dá hoje, a nível daqueles professores de prática política que desconhecem essa prática na realidade. Os trabalhadores, eles próprios dispensam professores.

O que vemos hoje portanto, são os próprios trabalhadores, a partir dos sindicalistas, estendendo-se pelos líderes de comunidades de base, construindo o seu próprio partido.

Entendemos que os membros da chamada classe política - se é que existe uma classe política - que o nosso papel é caminhar ao lado dos trabalhadores, nem atrás nem à frente deles, mas como companheiros dos trabalhadores, admitindo sua direção como hegemonia política na condução dos seus problemas, na condução do seu destino, porque ninguém melhor do que eles para ditar quais os rumos que deve seguir o partido que eles estão construindo, o PT.

E no-Rio? Você não compareceu à última plenária de núcleos do PT realizada no seu Estado. Por quê?

— Não compareci porque discordo fundamentalmente da concepção que os que participaram da plenária têm do PT. Entendo que tal concepção não é a da Coordenação Nacional Provisória do PT, que não possui uma visão de um PT gerenciado, de um PT a nível ideológico ainda tutelado, porque essa concepção inviabilizará a

construção do PT. Só as próprias direções dos trabalhadores, seja a de sindicalistas mais conseqüentes, seja a das próprias comunidades de base, podem conduzir o PT. Qualquer influência, qualquer tendência, qualquer organização que vise, num golpe de mão, empolgar a direção do PT poderá até consegui-lo a curto prazo, mas na realidade contribuirá - e os fatos o demonstram onde ocorre isso - para que o PT efetivamente não se constitua como um partido de massa, como um partido dos trabalhadores.

E a prova disso é a de que todos esses grupos não foram capazes - nenhum deles - de conduzir uma luta ou até de participar de uma luta ao nível das massas. E isso talvez seja a maior auto-crítica das esquerdas enquanto atuação nesses últimos 15 anos, e mesmo antes: não foram capazes de conduzir nenhum processo político massivo, em que participassem junto com a massa para contribuir decisivamente para que os trabalhadores pudessem construir o que hoje estão fazendo, mas sem querer dizer para os trabalhadores o que eles devem fazer, porque eles o sabem.

A plenária do Rio tirou uma direção provisória regional e dois integrantes para a CNP. Você não reconhece a plenária nem suas decisões? O que você pretende fazer quanto a isso?

— Nosso não comparecimento implica no não-reconhecimento daqueles métodos. Quanto ao que fazer, nós estamos conversando com a direção nacional provisória e logo chegaremos a alguma conclusão.

UNE fica com os liberais

Numa reunião de sua diretoria, realizada no último fim de semana em Salvador, a União Nacional dos Estudantes, finalmente, definiu-se diante do quadro partidário em formação. E ficou com os liberais do PMDB. "No quadro atual da reordenação partidária, declarou Marcelo Barbieri um dos diretores paulistas da entidade, o partido que mais atende aos interesses dos estudantes e da maioria da população, bem como serve melhor à unidade das oposições, é o PMDB", ainda que ele reconheça que fazem também parte da oposição tanto o PTB, como o PP e o PT.

A entidade não pretende se filiar a nenhum partido, esclarece Barbieri; apenas está divulgando sua opinião.

Além disto a entidade vai encaminhar as propostas que entende serem do interesse da luta estudantil a todos os partidos de oposição. Simplesmente, "a diretoria terá uma maior confiança no PMDB", conclui Barbieri.

A decisão foi tomada por 9 votos contra 3 dentro da diretoria. As tendências Caminhando e Correnteza se posicionando pelo PMDB e a Refazendo pelo PT.

No entanto pode ser que a discussão seja reaberta na próxima reunião do Conselho de Entidades Gerais - CONEG - que se realizará em início de fevereiro em Belo Horizonte.

Boletim do PT Nº 1

O primeiro Boletim do PT, de janeiro de 80, informando sobre as atividades da Secretaria de Imprensa e Propaganda, sob a responsabilidade de Paulo Skromov, dá conta de algumas iniciativas já concretizadas e outras ainda sob forma de propostas a serem brevemente encaminhadas. Encontra-se já à disposição dos militantes uma Coletânea de textos básicos, que deverá ter suas principais questões transformadas em uma Cartilha de cunho popular.

A circular propõe que seja tirado um responsável, por região, pelo setor de imprensa e propaganda. Informa também da necessidade de que sejam enviadas as informações mais importantes acerca do PT ocorridas na Região. Solicita ainda exemplar das publicações regionais. Um projeto de jornal para o MPT está sendo elaborado por um grupo de trabalho que deverá ser submetido à reunião nacional de janeiro de 80.

A falta de uma Secretaria de Finanças as demais secretarias decidiram-se por um critério provisório a respeito da contribuição regular que os militantes devem encaminhar aos órgãos centrais. Essa decisão encontra-se estabelecida nas Normas de Funcionamento (São Bernardo, 13/10/79) e determina que apenas os militantes que pagarem regularmente suas cotas estarão habilitados à participação efetiva no Movimento pelo Partido dos Trabalhadores, isentando-se, provisoriamente, aqueles que estejam desempregados. Os núcleos deverão garantir a cotização mensal mínima de Cr\$ 50,00 por militante, cabendo ao seu secretário distribuir cotas maiores ou menores a critério de cada núcleo, desde que se garanta esse mínimo por militante.

A respeito da Secretaria de Organização e Nucleação, sob a responsabilidade de José Ibrahim, criada em 9/11/79, o Boletim ressalta a necessidade de se fazer circular rapidamente informações acerca do número de núcleos, militantes, etc.

Por isso solicitam com urgência aos núcleos um relatório que dê conta do número de núcleos existentes por região e da forma como estão organizados (bairro, local de trabalho, categoria profissional), do número de militantes, especificando profissão e área de atuação.

Anexo ao Boletim, foram enviadas para todos os núcleos já cadastrados fichas de inscrição no PT cujo preenchimento substitui a relação de dados solicitada desde que complementadas no verso com as informações requeridas e que não constam dos itens do Tribunal Eleitoral.

O preenchimento das fichas permite ao PT ir criando condições para sua legalização.

Outras informações solicitadas aos núcleos:

— quais as atividades desenvolvidas, discussões, formas de divulgação do PT, publicações (nesse caso enviar cópias de cada número)

— como se formou o núcleo, dificuldades encontradas, perspectivas de desenvolvimento, área que atingem.

— como se organiza o núcleo, condições materiais de funcionamento: mimeógrafo, sede, etc.

— questionamentos, críticas, sugestões, etc.

A Secretaria sugere que, sempre que possível, os núcleos devem alugar local, divulgar amplamente o endereço e colocar placa indicativa de sede do PT. Quando isso não for possível, alugar caixa postal para correspondência.

Notícias do PT

Jesus Carlos



São Paulo

* **Capital:** Continua se reunindo todas as quartas feiras, às 20 horas, na sede do jornal *Companheiro*, a inter-núcleos que coordena o trabalho de nucleação na cidade. Todos os núcleos formados, ou em fase de formação, podem participar destes encontros, com vistas a uma maior coordenação da articulação.

* **São Bernardo:** Já devidamente instalados em uma sede própria bem no centro da cidade, os militantes do PT desta cidade estão investindo no trabalho de penetração do partido junto às categorias de comerciantes e da construção civil. Está em fase final a preparação de um jornal que irá propiciar a maior panfletagem política que São Bernardo já conheceu. Pretende-se que, depois dela, todos os habitantes da região tenham um mínimo de noção do que seja o PT e como procurá-lo e integrar-se. Além disto, vários debates estão sendo preparados para os frequentadores da sede, bem como outras atividades políticas, recreativas, e de informação geral. Ao mesmo tempo está sendo feito um levantamento local para a preparação dos requisitos necessários à construção do Diretório Municipal do partido, o mais rápido possível, tão logo seja dada a largada para a formalização da estrutura do PT. As reuniões regulares estão se dando todas as terças e quintas à noite, e nos sábados, pela tarde.

Minas

* **Capital:** Iniciando as atividades de 80, a coordenação estadual está encami-

nhando aos vários núcleos um documento de avaliação do PT no Estado. Como proposta - ao mesmo tempo para difusão massiva da idéia do partido e como estratégia de crescimento - o documento sugere uma imediata campanha contra a carestia: "por um salário mínimo nacional unificado e pelo congelamento dos preços dos gêneros alimentícios de primeira necessidade". Complementarmente, sugere já também, formas de organização da campanha.

* **Monte Claros:** No último domingo, dia 13, foi criado oficialmente o núcleo do PT neste importante centro do norte do Estado. Com a presença de um membro da coordenação estadual, debateu-se a situação do movimento a nível nacional e foram tomadas as primeiras medidas organizativas.

* **Juiz de Fora:** Também no último dia 13, nesta cidade, foi criada a Associação Mineira de Ação Política. Este procedimento tem sido usado como forma de organização do PT no Estado. Estas associações locais, na medida em que vão sendo criadas, liam-se à Associação com sede em Belo Horizonte, compondo assim a rede estadual.

Bahia

* **Capital:** A coordenação estadual do PT na Bahia, composta por 8 pessoas, representantes de 7 núcleos da capital e um do interior, reuniu-se na semana passada com vistas à eleição dos dois repre-

sentantes do Estado na reunião da direção nacional do próximo dia 26. Ao mesmo tempo, ficou decidido para o dia 13 de fevereiro um ato público de lançamento massivo do PT na capital.

* **Feira de Santana:** Para o próximo dia 18 e 19 o núcleo do PT desta cidade do interior baiano marcou um ciclo de debates que, contando com a presença de um membro da direção nacional, tratará da conjuntura atual, da situação do PT e de sua relação com as demais propostas partidárias da oposição.

Rio Grande do Sul

* **Capital:** Com a presença de 17 membros da coordenação regional - composta de 21 pessoas - elegeu-se, na semana passada, os dois representantes gaúchos para participarem da reunião da direção nacional. Além de Olívio Dutra, líder bancário e já integrante da direção nacional, estarão também representando o Estado Nelson de Sá - coordenador do núcleo de Novo Hamburgo, onde atua na área de centros comunitários e associações de moradores de vilas - e Lorim Martins - integrante da construção civil e com destacada atuação na última greve da categoria.

Santa Catarina

* **Criciúma:** No próximo dia 20, contando com a presença de diversas lideranças sindicais de vários pontos do país, será realizado o lançamento do PT neste importante centro operário do Estado.

assine EM TEMPO:

Sexta-feira:

compre o
EM TEMPO
nas bancas
Cr\$ 20,00

Sábado e domingo:

constate pessoalmente

- * Os principais fatos políticos da semana
- * A melhor cobertura do PT e do Movimento Sindical e Operário
- * História da esquerda brasileira
- * O debate dos grandes temas do socialismo

Segunda-feira:

Faça sua assinatura
para não perder mais
nenhum número

Nome Profissão

Endereço Bairro

Cidade Estado CEP

Estou enviando o cheque nº do Banco

Por assinatura: ANUAL Cr\$ 800,00 SEMESTRAL Cr\$ 450,00

Exterior: INDIVIDUAL US\$ 70,00 INSTITUIÇÕES US\$ 120,00

Rua Mateus Grou 57 - São Paulo - SP - CEP 05415 - Fones: 853-6680 - 280-4759

Mato Grosso do Sul Deu PT na cabeça

Entrevista com Antônio Carlos de Oliveira: deputado federal e até antes da extinção dos partidos, presidente regional do MDB. Hoje, ele está nas fileiras do PT.

Como você vê a situação política atual do país?

— Eu começaria dizendo que tudo que está acontecendo dentro da reformulação partidária estava previsto perfeitamente pelo sistema. Não está acontecendo nenhuma surpresa. Talvez a única coisa que tenha causado uma certa surpresa — mas que não é ainda preocupante para eles — é a organização do Partido dos Trabalhadores. Bons conhecedores que são dos políticos, os homens do Planalto sabiam de antemão que não se criaria nenhum partido com efetivas raízes populares — e eles só pensam em partidos a partir dos políticos. E mais, achavam também que sem este apoio dos políticos seria impossível levar adiante a idéia de PT.

Assim, acredito que depois do lançamento do nosso Manifesto e, na medida em que o PT vai se desenvolvendo em vários Estados, os homens do sistema comecem a se preocupar e a lançar mão de todos os expedientes possíveis para obstaculizar a proposta do PT.

José Ibrahim falou no ato de lançamento do Manifesto que agora o PT é irreversível. Você concorda? E como vê a relação que o PT tende a estabelecer com outras forças de oposição parlamentar?

— Concordo com o Ibrahim, e é por isso mesmo que disse que o PT vai começar a preocupar os homens do Planalto, na medida em que ele é, de fato, o único partido em condições de mobilizar a opinião pública, mobilizar as massas.

As relações entre o PT e os demais partidos eu as vejo como normais. Evidentemente passaremos por um período muito difícil de construção e afirmação do PT, um período em que, evidentemente, todas as críticas se voltarão contra o PT. E isto, exatamente, por ser o PT uma proposta contrária aos interesses dos partidos de apoio direto e indireto ao sistema, como também dos partidos que eu chamo de pretensamente de oposição. Eu não acredito que tenhamos dentro do parlamento brasileiro — apesar de um bom número de parlamentares estarem dentro da Tendência Popular do PMDB tentando um partido semelhante ao PT — um apoio à nossa proposta de mais do que 8 ou 10 parlamentares.

A seu ver, que etapa vive hoje o PT no seu processo de formação?

— O instante que nós vivemos de organização do PT é talvez o instante mais importante da proposta. Mais importante mesmo do que quando a idéia foi concebida e lançada para debate nacional. Hoje o PT já tem uma definição, se não programática, pelo menos estrutural, e queimou já uma etapa importante, não se deixando caracterizar como partido de uma tendência, ou um partido de vanguarda. O PT assume, de modo definitivo e, principalmente a partir de agora, aquilo que realmente interessa à classe trabalhadora brasileira: a posição de uma proposta que visa unificar a massa brasileira buscando um canal de ação política. No instante em que conseguimos fazer isto sem perder o apoio da vanguarda, desta frente das esquerdas brasileiras, ganhamos uma credibilidade significativa junto à opinião pública.

Até agora o processo de estruturação do PT esteve deficiente em todo o país, uma vez que estávamos empenhados em vencer aquelas primeiras dificuldades. Daqui para frente estamos preocupados em definir quais os Estados onde o trabalho de organização partidária do PT será mais fácil.

Não basta um Estado ter um número pequeno de municípios para que aí seja fácil organizar o PT.

Evidentemente que não basta o Estado ter um número pequeno de municípios para que se caracterize aí a facilidade de organização do partido. Por exemplo, o Amazonas; lá poderíamos organizar o PT em 9 municípios e fazer uma Convenção Regional. Mas acontece que neste Estado só se chega de carro, por terra, a 3 municípios. Portanto é difícil, embora hoje já exista a possibilidade de fazer um Diretório Municipal em Manaus. Assim, vamos fazer o Diretório em Manaus. Mas o Estado como um todo, avalio que é muito difícil; pelo menos para esta primeira etapa que estipulamos até junho de 1981.

Portanto vamos definir quais são os 9 Estados, estudar bem as dificuldades de cada um, realizar as Convenções Municipais, Estaduais, e a Nacional; entrar com o pedido de registro definitivo no Tribunal. A partir daí — de junho de 1981 — teremos mais de um ano para estruturar uma ação política "eleitoreira" pensando nas eleições de 1982.

— Como está a situação do PT no seu Estado?

— O meu Estado, creio que terá uma importância política muito grande na história político-partidária do Brasil. Porque Mato Grosso do Sul é um Estado com uma vida econômica baseada fundamentalmente na atividade rural. Quando se falava no PT como uma proposta de operário — ainda havia uma visão bastante estreita de PT — então eu me defini por este trabalho e enfrentei uma barreira muito grande, embora fosse deputado federal e presidente regional do MDB. Mesmo em Campo Grande, já havendo uma consciência universitária muito grande, houve dificuldades. Mas surpreendeu-me o fato de que isto foi vencido com uma rapidez impressionante: os contactos com estudantes, com lideranças... ainda nem mesmo sindicais, mas de associações de classe e bairro, — mesmo sem contar com o apoio da Igreja que, diferentemente do restante do Estado, em Campo Grande não está entrosada com os setores populares — nos possibilitou num tempo extraordinário, cerca de 2 meses, fazer todo o trabalho de adesão na Capital.

Tenho convicção de que o PT, tão logo sejam liberadas as fichas de filiação pelo TSE fará sua Convenção Municipal em Campo Grande. Em seguida, partiremos para a Convenção Estadual que, seguramente se fará atingindo um número de municípios superior ao mínimo de 1/5 para o Estado que são 11. Acredito que poderemos chegar a cerca de 20 municípios. A partir daí teremos condições de apoiar o trabalho de companheiros em outros Estados.

Campo Grande terá assim uma importância muito grande pois irá demonstrar, e rapidamente, que a massa de trabalhadores não está afastada daqueles ideais que o PT proclama.

Muita gente hoje reluta, principalmente os políticos com mandato, em se engajar no PT, por acreditar que os trabalhadores estão ainda muito distanciados da proposta política em questão. E nós pretendemos provar até junho deste ano que isto aí é uma visão errada. E eu tenho certeza de que vamos provar.

A legislação atual não vai limitar a democracia interna no PT porque ele não tem parlamentares



— Como você avalia os riscos, para a democracia interna no PT que poderia advir da sua institucionalização? Pois a Lei Orgânica dos Partidos, ao contrário da maneira mais flexível, militante, e de base, pela qual o partido vem se estruturando até agora, é bastante rígida ao impor parâmetros para o funcionamento interno dos partidos. A Lei, como é de esperar, busca moldar partidos parlamentaristas, de caciques e cabos eleitorais, partidos burgueses enfim.

— Eu não vou fazer uma afirmação categórica, mas creio que não há um obstáculo tão forte assim. Porque a partir do momento em que o PT for estruturado com sua Comissão Diretora Nacional provisória e esta nomear as Comissões Regionais, e estas por sua vez encaminharem o trabalho para os municípios, então nós de fato começaremos o trabalho de base. E aí reside uma diferença muito grande entre o que fará o PT e o que farão os outros partidos. Porque quem fará este trabalho serão as lideranças sindicais e demais companheiros imbuídos do programa do PT, e num estilo de baixo para cima, realmente. O fato da Comissão Nacional designar as estaduais, e estas as municipais, não cria uma estrutura definitiva para o PT. Não cria porque não tem parlamentares. Os outros partidos também farão isto mas eles já estarão funcionando através do contingente de parlamentares de que dispõem. E evidentemente, a política destes partidos será inteiramente de acordo

com os interesses de lideranças políticas, já tradicionais, que só estarão pensando nas eleições de 1982.

Então aquela série de conchavos bem tradicionais na política profissional não haverá na estruturação do PT. Serão os companheiros de núcleos que estarão articulando o partido em cada município. No meu Estado, por exemplo, haverá a participação de camponeses.

Portanto, não creio que os riscos que você levanta sejam grandes. A proposta inicial não irá se deturpar; e os cuidados em zelar por isto vão existir. Aliás, já existem.

— Como ficará o PT na hipótese do regime por em prática o sistema do voto distrital?

— O regime até agora não implantou este sistema, simplesmente aguardando um delineamento mais claro do quadro partidário. Acho que o surgimento do PT atira esta vontade do governo e, de fato, o voto distrital pode ser um enorme obstáculo pela nossa frente. No momento em que o PT tomar corpo e criar organicidade a ponto de se apresentar com viável para as eleições de 82, eu não tenho dúvidas, o voto distrital virá como uma salvação. Para o regime bem como para os outros partidos.

O voto distrital será a salvação não somente para o regime mas também para muitos partidos...



Aí nós teremos que enfrentar inclusive a participação dos outros partidos. Por exemplo, qual o Estado e qual a cidade onde o PT teria condições de obter uma maior aceitação por parte do eleitorado? Não há dúvidas, é São Paulo. E o voto distrital vem exatamente em cima do ponto de maior importância para o PT. E eu temo realmente que isto possa criar, senão um impedimento, pelo menos um obstáculo quase intransponível para o PT nas eleições de 1982. Pois conseguir estruturar o partido em pelo menos 1/5 dos municípios de pelo menos 9 Estados é fácil. Obter no mínimo 3% dos votos em cada um destes Estados também não é difícil. Mas esta soma dos 3% representar, em termos nacionais, 5% dos votos para a Câmara Federal, sob o sistema do voto distrital, é um obstáculo quase intransponível. Realmente, eu creio que é o coringa que o regime tem na mão.

— Que tipo de exigências para a militância em um partido como o PT lhe parecem as mais adequadas? Principalmente tendo em conta as etapas futuras do partido se tornando realmente de massas?

— Há uma Comissão Coordenadora do PT, da qual eu não faço parte até por uma distância geográfica de São Paulo, onde os companheiros estão atualmente tratando desta questão. Em Mato Grosso do Sul, nós, adequando esta necessidade à realidade local, fizemos uma experiência que tem dado muito certo, que é a de estabelecermos discussões em cima de problemas concretos para os trabalhadores. Por exemplo, temos ido a bairros para a discussão das condições de vida das populações; e lá, quem fala, quem apresenta a discussão não é um político como eu, ou pessoas já de experiência política anterior com há muitos companheiros. Mas sim gente do bairro mesmo, que tomamos a iniciativa de sugerir e, a partir daí, provocamos o debate entre eles. Quando depois de algumas reuniões eria-se uma consciência maior do problema — e é incrível como as pessoas sofrendo o problema não têm imediatamente a consciência dele — vem a etapa seguinte que consiste em mostrar que estas pessoas foram até agora usadas pelos políticos tradicionais. Esta discussão abre um grande campo para a discussão do novo tipo de partido que queremos construir.

— Mas a partir daí, que tipo de estrutura de participação no PT está sendo oferecida em Campo Grande?

— Nós temos uma ficha provisória — e a partir de 15 dias após a liberação pelo TSE das fichas definitivas, através dos endereços, estaremos em condições de realizar a Convenção Municipal. Nós começamos em Campo Grande com 5 núcleos: estudantes, lideranças sindicais e 3 de bairros. E os núcleos têm crescido e logo irão se subdividir. Hoje se fala em PT em Campo Grande com a maior naturalidade, porque o pessoal sabe que a proposta existe. Nós temos feito reuniões em clubes e tem ficado gente de fora por falta de espaço. Umz mobilização terrível! O PT tem dado certo; e tenho tido por ele um entusiasmo crescente.



No Mato Grosso o PT tem dado certo e fala-se do assunto com muita naturalidade. Uma mobilização terrível...

— Como você tem respondido o ataque de que o PT leva à desunio das oposições?

— Veja; os políticos nunca estiveram tão unidos como às vésperas do pacto de abril de 1977; até mesmo os políticos da ARENA. E veja no que deu: Geisel fechou o Congresso e abriu-o quando quis. Por outro lado, veja as greves do ABC no ano passado. Sem político algum a classe trabalhadora realizou a sua unidade espetacular, e despertou-se para a confiança de que seus problemas não serão resolvidos senão por ela mesma. Eu gosto da imagem que um líder sindical do Mato Grosso tem utilizado em nossa pregação pelo PT. Ele diz que o povo brasileiro é como um burro que ainda não sabe da força que tem. Mas o dia que souber, não vai haver quem o faça continuar a puxar carroça. Esta é uma imagem de uma força incrível, e que desperta a confiança nas pessoas de sua própria força.

O povo brasileiro é como um burro que ainda não sabe da força que tem. Mas o dia em que souber não vai haver quem o faça puxar mais carroça.

— Para terminar, qual a sua trajetória política? Como você chegou ao PT?

— Em 1974, recém formado, voltando a Campo Grande, onde eu já fora vereador pelo MDB em 1969, ainda dentro da faculdade, saí candidato a deputado federal e fui o 8º dentre 8 que se elegeram. Dividido o Estado, tivemos uma atuação mais no meio estudantil, embora tenha sido uma geléia geral — a própria burguesia votou, não sei bem porque — e em 6 que se elegeram eu tive o 1º lugar embora a ARENA tenha feito 4. Já há dois anos quando começou a se falar em reforma partidária eu dizia na Câmara, aos companheiros do grupo autêntico, que a mim só serviria uma proposta partidária definida. Pois no momento em que o regime atacasse com a reforma partidária, a frente das oposições teria cumprido seu papel. Uma frente como esta só tem papel na luta institucional. E no momento em que temas sócio-econômicos comecem a ganhar e principalmente como agora, a frente para ter sentido só pode ser inter-partidária, a partir dos partidos que tenham propostas sérias e definidas. No entanto, acho que até agora somente o PT tem uma proposta deste tipo; nos demais partidos não vejo proposta clara e definida.



Prisões na construção civil

Mais de mil operários da construção civil da Vila Restinga, em Porto Alegre entraram novamente em greve na semana passada. Desta vez reivindicavam o pagamento do 13º salário e o cumprimento do acordo que estabelecia um aumento nos seus salários a partir do 1º do ano, que seria de 19,00 para serventes e Cr\$ 32,00 para profissionais.

A greve começou no dia 9 semana passada, atingindo a maioria dos canteiros de obra da região. A resposta dos patrões foi extremamente simples e bem sucedida.

Chamou a polícia, que cercou as obras, prendeu a totalidade do comando de greve e enquanto estes permaneciam na delegacia prestando depoimentos, os empreiteiros calmamente confabulavam com o presidente do sindicato, o pelego Filipe Delegado, chegando a um acordo de, respectivamente, Cr\$ 16, e Cr\$ 25,00 a hora-trabalho. Logo após, o sindicato encarregou-se de impor o acordo aos operários e fazer com que voltassem ao trabalho. Dupla vitória: um aumento menor do que deveriam pagar e toda a liderança da greve presa. Só que não contentes com isso, os patrões foram mais além. Demitiram cerca de 30 operários, por justa causa.

Na Câmara Municipal, a reação veio por parte do vereador Gilênio Peres. Para ele, todas as empresas de engenharia que durante a greve chamaram a polícia para prender operários ou que até mesmo os demitiram por «justa causa», não ganharão mais concorrência para as obras municipais. Segundo Gilênio toda a empresa que participa de uma concorrência municipal tem direito ao índice de reajuste de material. «Isto quer dizer que se o preço do material estiver mais caro no início da obra, do que quando foi feita a concorrência, o órgão municipal responsável dá um reajuste para a empresa para que ela não tenha prejuízo». «No entanto, continua Peres, o índice de reajuste de mão de obra também deveria existir, o que deveria ser concedido pelo empregador, que em vez disso bota o operário para a rua e chama a polícia». O projeto será o de vetar qualquer concorrência que tiver sido ganha pela empresa, no poder Legislativo, quando ficar provado a prisão e a demissão dos operários.

Porém mais um fato continua pendente. Dos onze presos somente nove foram soltos. Dois deles, Adeli Sel e Paulo Grapiglia, continuam presos e foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

Professores «rodam» no vestibular

A última edição do vestibular unificado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul teve suas atenções voltadas não para os tradicionais traumas, emoções dos vestibulandos mas, em grande medida, para as 45 demissões de professores realizadas pela Fundação Carlos Chagas.

Ao final do vestibular do ano passado, os professores encarregados da correção da prova de redação, insatisfeitos com os salários, reivindicaram para as provas do ano seguinte, um aumento de acordo com a elevação do custo de vida. Pois neste ano, quando reunidos pela Fundação, ficaram sabendo que o aumento havia sido só de acordo com os índices oficiais, e que aquela entidade nem havia considerado as solicitações feitas no ano anterior.

Inconformados com o desfecho da Fundação, 45 professores, no primeiro dia de correção das provas, fizeram um abaixo assinado reivindi-

cando um aumento de 100 por cento. A resposta dos patrões foi crua: o representante da Carlos Chagas em Porto Alegre, o sr. Rubem Murillo Marques manifestou-se sucintamente pela impossibilidade de atender a reivindicação e pela inoportunidade do pedido (apesar de o mesmo já datar de um ano). Sob o pretexto de que a confiança entre as partes havia sido quebrada, dispensou sumariamente os 45 professores.

Para os professores, o «momento inoportuno» a que se refere a Carlos Chagas certamente não seria ao final dos trabalhos, como ficou provado com o desfecho com a solicitação feita no ano passado. No momento, os professores estão se reunindo sistematicamente e estão pensando em entrar com um mandato de segurança contra a decisão da Fundação e a convivência da Universidade Federal, que até agora não se pronunciou sobre o caso.

Milagre

Crescem as favelas

O *Jornal do Brasil* publicou domingo, 13/1/80 resultados de um levantamento das favelas e favelados existentes no município do Rio de Janeiro. O levantamento foi realizado pela prefeitura e — suprema ironia — mapeado pelas imagens do satélite Landsat. Pois bem, apesar de sabido e digerido (será) que a miséria do país é grande, os dados são de paralizar os sentidos. É aquele papo: a gente sabe o que é a morte, mas um monte de cadáveres é sempre um monte de cadáveres. São ao todo, em 1979, 309 favelas com uma população favelada de 1.740.818 pessoas, o que significa 32% de toda a população do município! Em 1965, a população favelada somava 417.000 pessoas, fato que indica que ela cresceu daquele ano a 1979, 317%! Algumas regiões administrativas constituem verdadeiros ghettos da miséria: mais de 60% de suas populações se constituem de favelados! Este é o caso de Rio Comprido (71%), Lagoa (62%), São Cristóvão (65%), Ramos (67%) e assim vai.

Diante de um quadro tão negro como esse, pedir paciência à população frente aos abusos da polícia como o fez o Cardela D. Vicente Sherer, é no mínimo convívio com o «pecado» da exploração e opressão.

Daqui a algumas dezenas de anos os Museus da Miséria que serão erguidos para registrar a pré-história da humanidade deverão fazer constar, ao lado de fotografias e dados estatísticos sobre a pobreza, as ideologias miseráveis que um dia a humanidade pode abrigar.

FGV promove

Curso para sindicalistas

A Escola de Administração de Empresas de São Paulo, ligada à Fundação Getúlio Vargas (FGV) é, sem dúvida, o maior celeiro de quadros executivos de que dispõe o empresariado brasileiro, contando, por isso mesmo, com uma equipe de professores de alto nível. Agora, numa experiência inédita nos meios acadêmicos, a Escola está promovendo um curso para sindicalistas, bolado para o atendimento às necessidades e solicitações dos próprios dirigentes sindicais.

Na área de administração, por exemplo, o curso desenvolverá uma linha geral sobre administração da empresa sob o capitalismo, estudando a gestão alemã e o «participacionismo» francês. Já na área de Direito, os estudos deverão se deter sobre os princípios gerais que norteiam o direito do Trabalho e o Direito Social. Na de economia, além da discussão de conceitos básicos sobre a matéria, os sindicalistas conhecerão os mecanismos de funcionamento da inflação, estrutura salarial, etc. Estudo da Estrutura do Estado, Partidos Políticos, Movimentos Sociais e sindicalismo no Brasil serão os pontos básicos da política. Haverá, finalmente, uma área de Técnica de negociações, setor, como os próprios dirigentes sindicais reconhecem, onde há muito a ser aprendido.

As reuniões do curso serão realizadas às segundas, quartas e sextas-feiras, no período da manhã, a partir das 8 horas, com início previsto para o dia 21 de janeiro.

Abaixo assinado

Exige-se assembléia

Olhai moçada da «Hora do Povo» (por falar neles, leiam o artigo do professor Mauricio Tragtemberg): podem ir preparando o tapete, pois os metalúrgicos da capital estão afim de convocar uma assembléia no sindicato, até o começo de fevereiro. Já que o Joaquim e sua turma não se resolve a convocá-la, os operários dos Comandos Regionais decidiram passar um abaixo assinado nas fábricas, exigindo-as. Assim, eles cumprem rigorosamente os estatutos do Sindicato (para o pessoal da UP — Unidade Pelegal não botar defeito), que prevê a convocação da dita com apenas 50 assinaturas.

Unidade Sindical

Preparar o 1º de Maio

Com a participação de representantes do Rio de Janeiro, São Paulo Nordeste e Rio Grande Sul, esteve reunida a Comissão Nacional da Unidade Sindical, na terça-feira 15 de janeiro, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Foram discutidas as bandeiras de luta para 1980, a serem levadas pelo movimento sindical tais como o salário mínimo unificado, garantia no emprego, campanha nacional contra a carestia e reforma agrária, esta última atendendo à participação dos trabalhadores da agricultura nas articulações da US.

Essas bandeiras, e mais a da autonomia e liberdade sindical deverão ser encaminhadas, também, nas comemorações do 1º de Maio Unitário (em cada Estado, por sua vez, deverão formar-se comissões para a realização da programação de acordo com as condições locais).

Além disso, foi decidida a convocação, para o dia 29 de fevereiro, de uma reunião ampliada das direções sindicais de todo o país, quando deverá ser discutida a preparação e realização do Conclat (Congresso das Classes Trabalhadoras), que possivelmente, deverá ocorrer em agosto ou setembro deste ano. Na mesma ocasião, será aprovada o tema, e regimento interno do CONCLAT, cujo anteprojeto estará a cargo de uma comissão de sindicalistas de São Paulo.

No dia 29, ainda, mais dois assuntos prenderão as atenções dos participantes da reunião: os efeitos da política salarial do governo que, segundo o insuspeito Joaquinão, já teria comido mais de 10 por cento dos salários dos trabalhadores, se comparados à inflação e a tirada de um jornal da Unidade Sindical.

Produtividade

Campista com o ministro

O «zumbi» Ari Campista reaparece no noticiário. Candidato único à presidência da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, ele esteve reunido, na segunda, 14, com o Ministro do Trabalho, Murilo Macedo discutindo a questão da produtividade, incorporada aos reajustes salariais. O bom Campista continua coerente: ao invés de discutir com as bases sindicais e vai logo tratar do assunto com o patrão do Ministério. Aliás, pedir outra coisa

a ele é o mesmo que convidar o Khomeiny para um arrastapé numa gafeira.

Gráficos/SP

Novas eleições

A chapa dos «elementos mais combativos» da atual diretoria como o chama aquele jornal (na verdade, dos pelegos e seus carrapatos) registrada como «chapa 1» ganhou mas não conseguiu obter o mínimo exigido pela legislação para vencer as eleições dos sindicatos dos gráficos de São Paulo. Por isso, uma nova eleição está sendo realizada através de 21 urnas itinerantes. Talvez ainda não seja dessa vez que a Oposição conquista a direção do sindicato, mas ela chega lá.

Metalúrgicos

Pauta de Reivindicações

Os dirigentes dos sindicatos de São Bernardo (Lula), Santo André (Marcelio) e São Caetano (João Lins) já chegaram a um acordo sobre a pauta de reivindicações que, conjuntamente, deverão encaminhar às suas respectivas assembléias. Em cada uma dessas assembléias, que deverão realizar-se num mesmo dia, em fevereiro, os trabalhadores discutirão as propostas, que prevêem piso salarial de Cr\$ 12 mil, a conquista de salários profissionais (no máximo três faixas salariais para cada profissão, acabando com a parafernália existente atualmente), garantia no emprego após 30 dias de trabalho, redução da jornada de trabalho de 48 para 40 horas, delegado sindicais, com estabilidade, um para cada 500 trabalhadores e reajustes salariais trimestrais, de acordo com o aumento do custo de vida, entre outras reivindicações.

Supertest

Some com as máquinas

Os patrões da fábrica Supertest, de bombas hidráulicas, de São Paulo, aplicaram o conto do vigário nos 260 trabalhadores da empresa: além de não pagarem os salários de dezembro (num montante de aproximadamente Cr\$ 3 milhões) eles «deram» férias coletivas. Na volta, a maior surpresa: os salários tinham sumido com as máquinas, só deixando o prédio (alugado) vazio. Além disso, complicaram mais a vida dos empregados ao não recolherem, há muito tempo, o Fundo de Garantia (garantia pra quem!) por Tempo de Serviço.

Concurso

Carrapato padrão

O Piquetão lança uma promoção que promete sacudir o movimento sindical: a eleição do carrapato padrão de 1980. Sem dúvida essa será uma contribuição inestimável aos trabalhadores, pois apontará os principais puxa-sacos da pelegada que assola o sindicalismo, gente muito mais nefasta para o movimento que os próprios pelegos. O vencedor ganhará de presente uma foto (poster) do Joaquinão, com aquela camisa florida dele, afagando o mais votado. Cartas para o Piquetão.

Recorde nas altas do começo do ano

O feijão e o sonho

Em tempos passados, o feijão foi considerado um alimento tipicamente de pobre. Em sua tradicional dobradinha com o arroz e farinha-de-milho ou de mandioca — sustentava milhões de lares da população brasileira. Dizia-se até que o arroz servia tão somente de complemento para «encher a barriga» enquanto que ao feijão cabia a tarefa de «sustentar» o trabalhador. Coisas do passado...

Por Mauricio Borges

Hoje em dia o povo come gradativamente menos feijão, transformado, para infelicidade de muitos, num produto "nobre", de consumo sistemático mas sem a fartura de outrora. E não é para menos: na década de setenta, os preços do feijão cresceram a um ritmo duas ou três vezes superior à média do conjunto de mercadorias consumidas no país. Pior ainda: em relação a bens supérfluos como o automóvel e a televisão, a diferença do crescimento foi de quatro a cinco vezes.

Ao que parece, esta alta dos preços tem levado a uma substituição parcial por outros alimentos com menor valor nutritivo, como os subprodutos do trigo (pão, massas etc.). Isto significa que o aumento da taxa de inflação dos anos recentes, além de corroer o poder aquisitivo dos trabalhadores, tem levado a uma queda no padrão alimentar da classe trabalhadora.

Queda na produção

Há algum tempo, o governo tem justificado o péssimo desempenho da agricultura na produção de alimentos básicos como o feijão, o arroz, e o milho, pelas decorrências climáticas.

Feitos os descontos, isto é pura balela. No caso do feijão, por exemplo, a redução não é apenas conjuntural mas é um fenômeno de longo prazo. Nos décadas

de 1950 e 1960 (até 1968) a produção cresceu respectivamente a 3% e 4,5% ao ano. Taxas superiores, portanto, ao crescimento da população e que indicam um ligeiro crescimento do consumo per capita. Entretanto, de 1967 a 1977, o crescimento anual foi negativo (-1, 2%, isto é, diminuiu a produção em termos absolutos), o que representa uma grande redução do consumo per capita tendo em vista o crescimento da população (mais de 2% ao ano). Isto significa que nos dias atuais, cada brasileiro consome em média 40% menos do feijão do que consumia há mais de dez anos atrás.

E é claro que para um período tão longo (de dez anos) nenhuma tragédia climática (secas, enchentes) serve como desculpa. O problema é de fundo, perfeitamente relacionado com aquilo que se convencionou chamar de "milagre brasileiro", isto é, o modelo de acumulação e enriquecimento de uns e empobrecimento de outros, posto em prática a partir de 1968.

A política do macarrão

O incentivo à agricultura de exportação é seguramente um dos principais fatores que explicam a queda da produção de feijão e outras culturas de subsistência. No Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, a substituição do feijão pela soja foi feita em grandes



proporções, assim como a substituição pela cana de açúcar em São Paulo.

Entretanto, o problema central é o fato de que o grande responsável pela produção do feijão é o pequeno produtor, (parceiros, pequenos proprietários, arrendatários e posseiros) figura crescentemente marginalizada no contexto de nossa sociedade capitalista. O acesso à terra para os parceiros, pequenos proprietários e posseiros tornou-se mais difícil na medida em que foi avançando o processo de concentração fundiária patrocinado pelo regime militar. Além disso, a distribuição do crédito e outros incentivos governamentais nunca chegaram ao pequeno produtor.

Assim, a conjugação de todos estes fatores determinou um processo de lenta-decadência do pequeno produtor ou mesmo em muitos casos, de desaparecimento e emigração para os centros urbanos, com consequências negativas para a produção de feijão.

Não passa portanto de um aparente paradoxo, a comparação da política governamental para o feijão com outros produtos agrícolas como, por exemplo, o trigo. O feijão é um alimento de bom teor nutritivo e uma cultura, perfeitamente adaptada ao clima brasileiro. O trigo, por outro lado, possui teor nutritivo inferior e representa até hoje uma cultura "estrangeira" exigindo, por isso, a recorrência sistemática às importações, fato que contribui para agravar o balanço de pagamentos. Ocorre que o trigo é fortemente subsidiado e o feijão não o é, bastando para isso apenas uma razão: o lucro.

De um lado, temos o pequeno produtor de feijão que produz para comer, vendendo o que sobra para o mercado. De outro, temos um poderoso hobby industrial que começa na moagem até chegar aos derivados como a farinha e as massas em geral. Assim, é evidente que entre os interesses deste setor industrial e os do pequeno produtor e do consumidor a política governamental optou pelo primeiro já que o estado capitalista está aí para isso mesmo.

TABELA PRODUÇÃO DE FEIJÃO: TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL

Período	Taxa de Crescimento Anual
1950/1960	3,0
1960/1968	4,5
1967/1977	-1,2

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico

Maluf quer dar uma de JK

Tão logo retorne de sua «tourné» pela arábias, o governador Maluf deverá se lançar de corpo e alma (?) na questão da mudança da capital. Espera-se que ele convoque, em caráter extraordinário, a Assembléia Legislativa para apreciar e votar o projeto, até o dia 23 de janeiro.

Na sua ausência, os assessores palacianos vêm, nestes dias, intensificando a compra de votos de deputados estaduais.

Mas a oposição não está parada. Cresce o **Movimento Contra a Mudança da Capital**, que, a esta altura, já reúne mais de uma centena de entidades populares — sindicatos, entidades

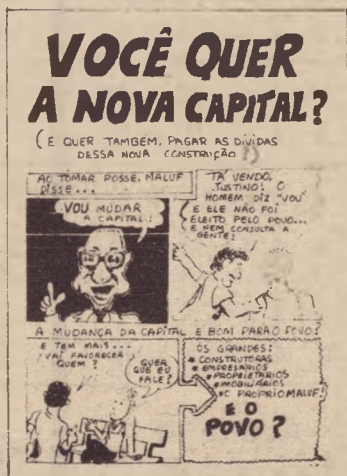
estudantis, Movimento contra a Carestia e, principalmente, associações de moradores e bairros.

Várias panfletagens já foram realizadas e cartazes da campanha estão sendo espalhados pela cidade.

A Comissão dirigente do Movimento tem feito reuniões abertas todas as quartas feiras às 19,30 horas no plenário Tiradentes da Assembléia Legislativa.

E para o dia da votação do projeto, prometem e convocam a todos para uma grande concentração de massas em frente à Assembléia, a fim de pressionar e cobrar dos deputados o voto de cada um.

Todos lá.



Um panfleto....



... usado pela campanha.

VESTIBULAR ? SEJA RICO!

Mais de quinhentos mil estudantes acabam de fazer, em todo o país, as provas do vestibular de 1980, numa briga de foice no escuro pelas minguadas vagas oferecidas pela universidade brasileira em todo o país, num ritual tenso e apavorante para todos, decepcionante para a maioria e, às vezes, trágico para muitos. Afinal, trata-se do bicho papão de todo o sistema de ensino, que há mais de dez anos ronda crescentemente, os lares da nossa melhor classe média.

O império supremo dos testes de múltipla escolha, como mecanismo disseminado para a seleção dos alunos nas universidades, levou o próprio ministro Eduardo Portella, da Educação, a admitir que as cruzinhas do vestibular simbolizam na verdade o "cemitério do saber", em que foi mergulhado o ensino, aos poucos transformado pela parafernália dos cursinhos em um mero adestrador de jovens na loteria das cinco opções.

Em saber se a verdade está nas alternativas A, B, C, D ou E, reduziu-se toda a capacidade de raciocínio de uma geração, a geração da década da ressaca que foram os anos 70.

Talvez o mito principal difundido pelos teólogos do vestibular e pelos arautos dos cursinhos parasitas seja o de que este tipo de curso funciona mesmo, ou seja, e um instrumento eficaz de verificação dos mais aptos, dos mais prepara-

dos, dos mais inteligentes, enfim, daqueles que realmente merecem entrar na universidade pelos seus méritos provados pelo sistema educacional.

Mas, nada disso. Ledo engano. Ou melhor, pura mentira. O vestibular é simplesmente um filtro sócio-econômico: a universidade escolhe os mais ricos entre aqueles que dirigem-se à banca de inscrição no concurso. Isso sem contar, que só conseguem chegar até esta banca, no geral, uma elite de estudantes, que enfrentou antes o teste da desnutrição, do acesso ao clã dos trombadinhas, da delinquência juvenil, e até mesmo da mortalidade infantil.

Essa constatação não é nem um desvario daquelas que "querem denegrir as autoridades constituídas", como afirmam sempre os militares deste país. Está nos números. Nas estatísticas oficiais da Fuvest, do Cesgranrio, da Fundação Carlos Chagas. Números tabulados em sistemas caríssimos de processamento de dados, insuspeitos do ponto de vista oficial, já que são dados manipulados pelos seus próprios computadores.

Afinal, para ser universitário, basta ter antes um bom cacife: ser filho da alta classe média, dedicar-se apenas aos estudos desde a tenra infância, estar cercado de todas as boas condições de desenvolvimento do aprendizado. De posse deste cabedal, o jogo do vestibular fica fácil. Façam as apostas, senhores.

Com esta dica, inauguramos nosso serviço aos vestibulandos. Está nos números: a universidade tem horror aos pobres e prefere os candidatos de renda familiar elevada. Se você não é bem nascido, só lhe resta entrar de penetra na festa do vestibular

Por F. Pereira



A seleção sócio-econômico no vestibular da FUVEST-SP (*)

Renda Familiar Mensal	Inscritos no Vestibular	Aprovados na fase eliminatória e convocados para a segunda fase	Aprovados na segunda fase e chamados para matrícula	Índice de aprovação na fase eliminatória em cada faixa de renda	Índice de aprovação na segunda fase em cada faixa de renda
Até Cr\$ 3 mil	810 (1,3%)	132 (0,9%)	49 (0,8%)	16,2%	37,1%
de Cr\$ 3.001 A Cr\$ 6 mil	5806 (9,9%)	1049 (7,6%)	384 (6,6%)	18,1%	36,6%
de Cr\$ 6.001 A Cr\$ 9 mil	9354 (16,0%)	1.815 (13,1%)	671 (11,5%)	19,4%	37,0%
de Cr\$ 9.001 a Cr\$ 12 mil	3.500 (16,2%)	1.894 (13,7%)	760 (13,1%)	19,9%	40,1%
de Cr\$ 12.001 a Cr\$ 15 mil	7.824 (13,4%)	1.716 (12,4%)	655 (11,2%)	21,9%	38,1%
de Cr\$ 15.001 a Cr\$ 20 mil	7.875 (13,4%)	1.896 (13,7%)	769 (13,2%)	24,1%	40,6%
de Cr\$ 20.001 a Cr\$ 25 mil	4.560 (7,8%)	1.137 (8,2%)	496 (8,5%)	24,9%	43,6%
de Cr\$ 25.001 a Cr\$ 30 mil	3.775 (6,4%)	1.036 (7,5%)	478 (8,2%)	27,4%	46,1%
Acima de Cr\$ 30 mil	8.075 (13,8%)	2.915 (21,1%)	1.460 (25,1%)	36,1%	50,1%

(*) Fonte: Relatório dos Vestibulares de 1979 — Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), pesquisa com uma amostra de 58.339 candidatos, dos quais 13.766 convocados para a segunda fase, e 5.801 chamados para a matrícula.

Não trabalhe. Nem deixe sua mãe trabalhar. Convença seu pai a não ser operário jamais. Aconselhe-o a ser proprietário ou administrador gráudo de empresas. Assim, você entra mais fácil no clube da minoria dos vestibulandos.

Um levantamento estatístico realizado pela Fuvest — órgão que executa o vestibular das universidades públicas do Estado de São Paulo — apontou que de cada 100 aprovados no concurso do ano passado, nada menos que 67 não trabalhavam, um indicador bastante preciso do seu nível sócio econômico. Entre os restantes, havia 6 que trabalhavam eventualmente, 2 que o faziam somente à noite e 10 durante meio período. A turma que dava duro na batalha, o dia todo, era pequena — apenas 15 de cada 100 chamados para a matrícula.

A pesquisa prosseguiu na investigação do perfil e apurou que apenas para 9,2% dos aprovados o trabalho era vital, isto é, para se manter ou para sustentar a família. Os demais empregavam o salário para custear os estudos (4,7%), para despesas extras (4,2%), para auxiliar no orçamento (9,0%) e para fins similares (4,1%). Há um outro dado que parece comprovar que predomina o caráter acessório do trabalho: a faixa salarial dos aprovados na Fuvest. A indagação "quanto ganha por mês?", 21,7% recebiam um salário ínfimo, até cinco mil cruzeiros, ao passo 5,6% recebiam entre cinco mil e dez mil cruzeiros, e 3% responderam acima de dez mil cruzeiros.

Mas, se a grande massa dos aprovados na Fuvest não trabalha, do quê vive? O óbvio: da grana dos pais. Ao computar a renda familiar mensal dos vestibulandos chamados para a matrícula, a pesquisa verificou que a mais densa era aquela superior aos Cr\$ 30 mil acima de 19 salários mínimos da época. De cada 100 aprovados, 25 estavam nessa situação. Na faixa de Cr\$ 20 mil a Cr\$ 30 mil (de 13 a 19 salários mínimos, situavam-se outros 17).

Assim, constatou-se uma ligeira tendência rumo aos estratos mais altos da classe média, como composição social do contingente de vencedores da corrida do vestibular. Um exemplo carioca pode mostrar como a situação chega a ser aguda. Uma pesquisa semelhante à da Fuvest, realizada com os candidatos do Cesgranrio — o órgão que executa o vestibular naquela região — demonstrou que os alunos recrutados para arquitetura são preponderantemente filhos de pais de nível superior de ensino, de profissionais liberais, com renda mensal calculada entre Cr\$ 68 mil e Cr\$ 79 mil!

Aqueles que ainda resistem em acreditar que o vestibular é um teste de seleção econômica, basta analisar a evolução dos números da Fuvest, cujo vestibular é realizado em duas etapas. A primeira é uma fase eliminatória, com questões de múltipla escolha, prova única da qual participam praticamente todos os inscritos. A segunda consta de oito provas referentes às matérias do ensino do 2º grau. A faixa de renda mais alta (acima de Cr\$ 30 mil) foi a que mais aprovou candidatos na primeira fase: 36% dos seus integrantes lograram chegar até o umbral da segunda etapa. Já na faixa mais baixa de renda familiar (menos de Cr\$ 3 mil) a proporção foi bem menor, de 16%. Na triagem decisiva, a da segunda fase, 50%



Resposta do governo às reivindicações de mais verbas

dentre os candidatos mais ricos foram chamados para a matrícula na universidade, ao passo que dentre os mais pobres, o índice foi de 37% (Veja o quadro da triagem econômica na eliminatória).

As estatísticas cariocas permitiram afirmar que os candidatos cuja renda familiar era mais baixa começaram a procurar carreiras de menor prestígio, como o magistério de segundo grau, enfermagem e ciências contábeis. O fenômeno vem se verificando de uns cinco anos para cá. Logo no início da expansão das vagas universitárias, a partir de 1968 principalmente, no começo do milagre brasileiro, as camadas mais pobres passaram também a pleitear o ingresso nas faculdades, que antes eram quase que uma exclusividade dos ricos. Esse novos aspirantes à universidade escolhiam carreiras de alto prestígio, preocupadas em garantir ganhos salariais imediatos logo após se graduarem. Mas, com a dura prova da seleção econômica tiveram que reorientar sua programação para o futuro, ao perceber que só tinham mais chances de ingressar no ensino superior se escolhessem aquelas carreiras que exigissem menos pontos na classificação, exatamente aquelas de menor prestígio social.

Curioso é o levantamento feito pelo professor Lólio Lourenço de Oliveira, da Fundação Carlos Chagas, uma entidade especializada em promoção de vestibulares e pesquisas educacionais. A amostra de candidatos foi a de 1975 para o exame vestibular unificado para a área biológica em São Paulo (CESCEM), cruzados com dados demográficos do censo de 1970 e 1960 relativos aos municípios de São Paulo.

Ele provou que quanto maior o grau de urbanização do município de origem do vestibulando, maior a busca pelo ensino superior e melhor o êxito individual nas provas do concurso, sendo que, os candidatos de nível sócio-econômico mais baixo tendem a vir de municípios menos urbanizados, enquanto os de nível mais alto tendem a vir, principalmente, de municípios mais urbanizados.

Ou, segundo as próprias palavras do professor Lólio: "a urbanização é um dos fatores condicionantes da chance dos

indivíduos se apresentarem ao vestibular do CESCEM, e de, uma vez candidatos, serem bem sucedidos nas provas a que se submetem (...). O sistema educacional tenderia então a recrutar sua clientela preferencialmente dentre a população mais urbana".

E ainda: "Com isso ficam à margem do processo educacional aqueles que — nas pequenas cidades do interior, como na zona metropolitana — estão à margem do processo de urbanização e industrialização. Segundo o modelo a que tende a sociedade, favorecem-se os favorecidos, em detrimento dos que precisariam que a escola fosse, de fato, equalizadora de oportunidades e caminho da mobilidade social", acentua o pesquisador da Fundação Carlos Chagas.

Um estudo anterior do mesmo professor Lólio apresenta números que evidenciam que os filhos da classe operária apenas roçam as portas do chamado templo do saber. Ao tabular as estatísticas a respeito dos vestibulandos da área biológica em São Paulo (ainda do CESCEM, Centro de Seleção de Candidatos a Escolas Superiores), nota-se que uma quantia irrisória de aspirantes às vagas da universidade eram filhos de operários não especializados e operário especializados (7,0%) (apenas 1,2%), ao passo que 34,1% eram filhos de proprietários e administradores de empresas não agrícolas e agrícolas. Ainda como subordinados em empresas não agrícolas havia 9,6% em ocupações de venda, 5,2% em ocupações burocráticas e 2,8% em supervisão de ocupações manuais. Em profissões de nível superior, como medicina, agronomia, odontologia, incluía-se 13,6% dos pais dos vestibulandos. O restante se dividia em pequenas fatias pelos profissionais do magistério, de nível médio, serviço público, ocupações militares e outras.

As atividades das mães dos vestibulandos, ainda neste mesmo levantamento, indicou que a opção "nunca trabalhou", atinge a cifra surpreendente de 44,8%, ao passo que a de "trabalha atualmente" é somente 17,4%. Ou seja, na modernização industrial que o país atravessa, a incorporação da mão de obra feminina é um fato marcante que só deixa de fora aquelas parcelas que a linguagem conservadora convencionou de batizar por "mais bem aquinhoadas pela sorte", e portanto, as mães dos que ingressam na universidade, interpretação que se faz, sem nenhuma pretensão de colocá-las em pauta, como no episódio de Santa Catarina que envolveu o presidente João Figueiredo.

Essa detalhada pesquisa confirma uma tendência já apontada anteriormente: 57,3% dos candidatos ao vestibular nunca trabalhou na vida. Sobre a participação do candidato na vida econômica da família, na época em que os dados foram colhidos, a Fundação Carlos Chagas viu que 70,6% não trabalha e é inteiramente sustentada pela família, ao passo que 11,7% trabalha, sustenta-se e auxilia parcialmente a família. E mais: 9,6% trabalha e também recebe ajuda da família, 6,7% trabalha, não recebe ajuda e não contribui para a família e 1,4% trabalha e é inteiramente responsável pelo sustento da família.

Afganistão

A burocracia na ofensiva

Ao ocuparem o Afganistão, as tropas soviéticas praticamente franquearam o Irã, intensificando os conflitos entre o governo central e as minorias nacionais do Azerbaidjão e Baluquistão, partidárias da «guerrilha islâmica». Por isso, no momento em que se vê ameaçado por uma eventual intervenção imperialista e por sanções econômicas a seu país, Khomeini, vê-se obrigado a dialogar com os curdos e árabes e com as massas populares urbanas, que avançaram em sua mobilização.

Por Carlos Eduardo

Se a resposta norte-americana aos tanques russos em Cabul fosse apenas a escassez de pão em Moscou, tudo bem. Afinal, os Estados Unidos têm todo o direito de vender, ou não, os seus excedentes de trigo a qualquer país do mundo. Mas quando a represália assume a forma de uma aliança com a China, para a “defesa” do Sudeste Asiático, a coisa muda de figura; as últimas tentativas dos aliados de agora de “defender” a região, custaram duas guerras ao povo vietnamita, travadas com um intervalo de menos de cinco anos!

Existe a eventual (e ameaçadora) “vietnização” da resposta à União Soviética, e mesmo — sobretudo quando Carter está entregue ao vale tudo de um ano eleitoral — a proclamação do endurecimento frente aos russos em escala mundial; mas, necessariamente, foi na Ásia Central que as consequências da intervenção se fizeram sentir de imediato. Com os soviéticos e indianos (novamente sob a liderança de Indira Gandhi) em suas fronteiras, o Paquistão passou a conter os líderes tribais mais exaltados, defensores da “guerra santa” contra os “ateus”. Mas não pode ir muito longe neste processo, pois seu próprio regime baseia-se no apoio das tribos e líderes religiosos integristas.

A «ajuda provisória»

No Afganistão, foi o que se viu: 85 mil soldados desembarcados em menos de vinte dias e que ocuparam as principais cidades, rodovias e posições ao longo da fronteira paquistanesa.

Os soviéticos ficarão no país enquanto as guerrilhas existirem; e sua supressão definitiva não depende apenas da violência, mas da realização de reformas democráticas, distribuição de terras entre os camponeses pobres, alfabetização em massa — que eliminem as bases materiais do poder dos chefes tribais. E mesmo estas reformas não são suficientes: diante da ofensiva ideológica do integralismo islâmico, “alimento espiritual” da guerrilha, os métodos grosseiros da burocracia soviética revelam-se bastante ineficazes. O quadro poderia ser outro se a União Soviética mobilizasse os operários e camponeses pobres do Afganistão em organizações autônomas e dinâmicas, desenvolvendo uma verdadeira democracia operária capaz de se contrapor, no plano ideológico, às pregações dos religiosos integristas. Mas isto a burocracia não pode fazer: ao contrário, as relações do stalinismo com suas próprias minorias nacionais constituem uma das páginas mais negras de suas histórias.

Uma outra alternativa, até agora bastante improvável, é a transformação da “ajuda provisória ao povo afgão” em “ajuda permanente”, isto é, a transformação do Afganistão numa democracia popular como as existentes na Europa oriental, ou mesmo a sua integração à União Soviética. Uma alternativa que abalaria terrivelmente o prestígio de



Guerrilheiros afgãos

Moscou por toda a Ásia, mas que poderia ser adotada em último caso, se as relações com os Estados Unidos deteriorassem para o nível da “guerra fria”.

Os diabos principais

É no Irã revolucionário, entretanto, e sobretudo entre as minorias nacionais, que as repercussões da intervenção soviética podem atingir maior alcance. Do ponto de vista estratégico, basta olhar um mapa: ao avançarem para as fronteiras do Paquistão, na tentativa de isolar as guerrilhas “islâmicas” de suas bases de apoio, as tropas soviéticas praticamente envolveram todo o leste do Irã e chegaram até junto do Baluquistão iraniano (minorias nacionais do sul do país, estabelecida entre o Paquistão, o Afganistão e o golfo de Oman). Os baluquis estavam entre os mais firmes defensores da guerrilha afgã; e o fato de terem os russos junto a suas fronteiras — seus líderes ameaçaram transformar o Baluquistão “num novo Vietnã”, em caso de invasão — deve levá-los a exigir um apoio mais firme do governo iraniano aos “combatentes islâmicos”.

E este é um apoio que Khomeini dificilmente poderá prestar. O aiatollá condenou com firmeza a invasão, mas é pouco provável que se disponha a apoiar materialmente uma guerrilha incentivada pelo Paquistão e pelos Estados Unidos, num momento em que os norte-americanos se preparam para impor uma série de sanções econômicas ao Irã. Para Khomeini, os “diabos principais”

são os Estados Unidos e o Xá. Os russos, na atual conjuntura, não passam de diabetes.

Mais ainda, a ajuda à guerrilha exigiria estabelecer algum tipo de acordo político com o aiatollá Shariatmadari, num momento em que os seguidores dos dois líderes religiosos ameaçam mergulhar Tabriz e outras cidades do norte do Irã numa guerra civil. Um dos impulsores ideológicos da guerrilha afgã, Shariatmadari é o porta-voz dos setores mais conservadores da pequena burguesia iraniana — e, como tal, representa uma alternativa real ao poder de Khomeini — além de ser o líder incontestado da minoria nacional do Azerbaidjão (situada junto ao mar Cáspio e à União Soviética).

Na verdade, o relacionamento com as minorias nacionais vem se revelando o calcanhar de Aquiles da revolução iraniana — e a nova “situação geográfica” afgã coloca tropas soviéticas junto ao Curdistão (noroeste do Irã), Azerbaidjão, Turquemenistão (nordeste do Irã) e Baluquistão, quatro das cinco minorias nacionais do país. A exceção é a província árabe do Khuzistão, junto ao Iraque; mas ali Khomeini já tem problemas de sobra: a região, que produz mais riqueza que qualquer outra do país, foi submetida a um processo de “desarabização” desde Rhexa Shan, pai de Rhexa Pahlavi, e luta atualmente para recuperar sua identidade cultural.

Além disso, são árabes a maioria dos trabalhadores das refinarias de petróleo, e nos sindicatos e comissões de trabalha-

dores que organizam atualmente o problema nacional liga-se à questão social. São trabalhadores decididos a apoiar Khomeini frente a uma agressão imperialista, mas que não estão dispostos a abrir novamente mão de suas conquistas, reapropriadadas desde o início do conflito com os Estados Unidos.

Tudo indica, portanto, que o impasse iraniano deverá se aprofundar. Enquanto os reféns permanecerem no Irã e os Estados Unidos se prepararem para “castigar” Khomeini, este não poderá impedir que as mobilizações de massa e a reconstrução dos órgãos de democracia operária, como os sindicatos e conselhos de trabalhadores, se desenvolvam. Além disso, o aiatollá viu-se obrigado a adotar uma política mais flexível em relação à esquerda, autorizando a circulação de jornais de grupos políticos e libertando militantes revolucionários que seus tribunais haviam condenado à morte. Aspectos que caracterizam a luta revolucionária que derrubou o regime imperial e que foram reprimidos pelo próprio aiatollá, num momento em que os “diabos principais” da república islâmica eram os “esquerdistas ateus” que mobilizavam as massas contra os preceitos do Islã e iam para a prisão por defenderem os curdos, árabes e demais minorias nacionais contra a agressão do poder central.

A TRADIÇÃO DE TABRIZ

Foi por haver levantado antes estas bandeiras — reivindicações que o Tudeh, partido comunista enfeudado à União Soviética e que apóia de modo oportunista a “República Islâmica”, jamais defendeu — que a esquerda revolucionária iraniana dispõe agora de uma oportunidade única de aprofundar sua influência sobre as massas muçulmanas. Num momento em que o Tudeh deve estar cheio de dedos para explicar a “Ajuda ao povo afgão”, os defensores das minorias nacionais frente ao Estado iraniano podem condenar, a partir de uma posição de classe, a intervenção soviética, e defender a unidade entre os trabalhadores da Ásia Central — curdos, afgãos, árabes, iranianos, etc. — em organizações de poder operário, capazes de superar as fronteiras arbitrárias traçadas pelos imperialismos turcos, britânico e czarista na região.

Em 1907, as populações do Azerbaidjão formaram *Anjomans* (conselhos populares) e milícias de *Majahedeens* ou *fedayens* em Tabriz e outras cidades da região, que se inspiravam nos *soviets* da Primeira Revolução russa. Cabe à esquerda iraniana retomar esta tradição e impulsionar, através da auto-mobilização das massas em órgãos de democracia operária, o processo revolucionário iraniano a níveis que rompam decisivamente com os limites estreitos da República Islâmica.



Fernando Gabeira em nova roupagem

Gabeira volta e dá seu recado: repensar a esquerda brasileira sem tabus. A geração da guerrilha, austera e convicta em suas certezas, se amarrou num discurso distanciado da realidade brasileira. Gabeira sugere que os discursos da esquerda acabaram caindo nos ouvidos de uma multidão que estava mais para liberalismo que pra outra coisa. E agora, José? Feitos os prós e os contras, o intelectual de esquerda se vê, às voltas com sua individualidade, com sua psicologia (e agora falar disso não é mais uma inadequação), suas carências, mazelas e esperas. Que se possa falar e enfrentar as questões nascidas, nessa ambígua "classe" intelectual e que não têm as nuances daquelas presentes na classe operária. E que não se confunda alhos com bugalhos, ou seja, que não se confunda "tangas de crochê" com o recado do Fernando, criticável ou não. Há mais coisas entre o céu e a terra do que pensa a vã filosofia brasileira.

A psicologia esquecida pela esquerda

Em Tempo: Fernando, ao descrever no seu livro o episódio da morte do Edson Luis, em 1968, você menciona duas linguagens que se sucediam nas escadarias da Assembleia Legislativa: a dos partidos, portadora de uma visão de mundo globalizante, atendendo aos requisitos de estratégia, tática, etc.; e a das pessoas representando a si mesmas, falando do que sentiam na pele. Como se coloca este problema hoje?

Fernando Gabeira: É interessante a gente notar que existe uma certa utilização pelos partidos políticos de esquerda da vida real. Os partidos geralmente têm uma análise profunda da sociedade, a partir da qual desenvolvem uma tática e uma estratégia que são apresentadas como um todo, existem respostas para todos os passos que a luta vai apresentar. Por outro lado, os indivíduos isolados não possuem este tipo de visão globalizante, mas têm necessidade de se expressar em torno daqueles problemas que consideram fundamentais. Em 68 havia um descompasso muito grande, porque a gente não tinha nenhuma com a luta real da classe operária dos setores mais pobres das camadas médias. Isto não significa que estes setores não tenham participado das manifestações. Ocorria, no entanto, que o que dizíamos a eles era entendido e interpretado por nós como a interiorização, por parte daquela massa, de todas as proposições táticas e estratégicas que estávamos apresentando. Mas não era isso o que se passava. A esquerda fazia um discurso sem vinculação imediata com os problemas que a massa estava vivendo, os quais naquele momento a aproximavam muito mais das lutas democráticas que da luta pelo socialismo. O que ocorria é que as lutas eram todas muito calcadas num esquema: as mobilizações da classe média seriam substituídas pelas da classe operária, o que por sua vez provocaria uma realimentação na classe média. No entanto, as pessoas nas manifestações falavam de problemas bem mais imediatos, como aluguel, custo de vida, repressão policial, enfim uma série de lutas cotidianas que não

estavam presentes naquelas táticas e estratégias da esquerda. Este é um erro muito sério, pois pressupõe que é possível elaborar um programa de lutas tirado da cabeça de algumas pessoas iluminadas. Na verdade, um programa de lutas é a sistematização das lutas que existem, e a esquerda não foi capaz naquele momento de auscultar e sistematizar as lutas que existiam. Eu penso que se a esquerda tivesse sistematizado essas lutas, ela teria tido uma capacidade muito maior de formular uma tática democrática, diferente da tática que empregava.

ET: Você levanta a questão de já se ter um programa estabelecido a priori, de se recortar a sociedade pelas classes sociais, deixando de lado os indivíduos concretos, portanto a questão da inexistência de uma psicologia marxista. Você poderia aprofundar estes problemas?

FG: Para Marx, o que determina a realidade em última instância é o ser, não a consciência, e esta é a sua grande superação de Hegel. Marx colocava ainda que "dentro" do ser são as relações sociais de produção que determinam todas as outras. Como Marx colocava isso, e isso é verdade, houve uma tentativa durante muitos anos de tentar reduzir a análise da sociedade às relações puramente materiais, econômicas, quando na verdade a sociedade é muito mais complexa. As relações materiais se entrelaçam com as relações políticas e ideológicas e, em alguns momentos, as relações políticas passam até a ser mais importantes. É dentro dessa perspectiva de que as relações materiais são as mais importantes — e são as mais importantes é claro — que se pensa às vezes de uma forma esquemática a superação da sociedade a partir da luta de classes. Pois da mesma forma que o político e o ideológico existem em relação ao econômico, o indivíduo também existe em relação às classes sociais. Karel Kosik coloca bem esta questão ao dizer que Kafka é um pequeno burguês, mas nem todo pequeno burguês é um Kafka. É claro que o ser social determina a consciência, mas a maneira como as relações sociais atuam sobre cada indivíduo é mediada pela história pessoal do indivíduo, e essa dimensão importante da psicologia tem sido esquecida pela esquerda. Eu acho que isso empobreciu terrivelmente as análises da esquerda, que não têm sido capazes de dar respostas a uma série de manifestações político-ideológico-culturais.

ET: Mas essa limitação é uma limitação da teoria marxista ou apenas de uma leitura economicista, stalinista de Marx?

FG: Eu acho que existe uma leitura empobrecida de Marx, que é a leitura stalinista, mas também seria empobrecido você supor que todas as distorções existentes decorram do stalinismo. O que eu acho é que Marx viveu e desenvolveu a sua teoria numa época em que talvez estes problemas não tivessem aflorado com grande clareza. Mas existe um espaço dentro da teoria marxista para você desenvolver uma série de outras concepções. Existe um espaço para procurar entender essa dimensão psicológica. O marxismo enquanto teoria constituiu uma fermentação muito grande, mas ele não foi desenvolvido a ponto de se formular uma teoria psicológica marxista, ou seja, os avanços no caminho do inconsciente, os avanços no campo da interação sexual, afetiva, não foram avanços de intelectuais marxistas. Em vários momentos os intelectuais vêm em busca da síntese, a síntese por exemplo entre o marxismo e a psicanálise. Então existe uma leitura empobrecida e economicista, mas existe uma limitação do próprio marxismo, que não penetrou numa série de campos do conhecimento. Aliás seria ridículo você pensar o marxismo como a única ciência, o único setor que realmente apresentou contribuições à história do conhecimento. O marxismo apresenta uma análise profunda das relações sociais de produção, mas existe uma série de outros domínios do conhecimento que foram desenvolvidos por pensadores burgueses e que devem ser levados em conta. E você não pode ser um tirano da ciência contra as outras áreas do pensamento com a religião, a arte, e outros setores que são também maneiras de aprender o real.

Isto pode conduzir não apenas a um empobrecimento economicista, mas a um reducionismo positivista do marxismo, uma redução de tentar entender a realidade a partir da sua lógica científica, pensar em função da eficácia do processo de transformação política-econômica e social. Eu acho que assim a gente começa a entender que a redução economicista foi apenas um momento mais atrasado, mas que ainda hoje grande marxistas que não incorrem no erro desta redução são também muito limitados para entender o real. O marxismo ficou um pouco parado, e hoje parece um tio compreensivo com relação a uma série de fatos que foram surgindo, não conseguiu entender a luta das mulheres, dos homossexuais, os aspectos políticos do rock n'roll que eram sempre vistos como a música que expressava o domínio do imperialismo americano. O espaço da superestrutura e do individual eram espaços em que não se penetravam e dentro deles o marxismo expressava os mesmos preconceitos que qualquer posição aristocrática.

Os partidos e as multidões

ET: Existe realmente uma tradição dos intelectuais marxistas de tomar o marxismo como uma concepção sistêmica, com a qual se pensa a totalidade social. Isto implica em pensar uma política científica que determina também uma forma de organização política. Como você vê a questão das novas vanguardas? Qual o campo aberto para elas?

FG: Eu vejo com uma certa crítica os partidos políticos como representantes de tendências sociais. Eu vejo que são poucos os partidos que conseguem comover e mobilizar multidões. Normalmente essa função tem sido cumprida por outras áreas. Assim, o movimento feminista está fora dos partidos, o movimento ecológico também; ao passar os olhos pelo mundo você constata que no Irã o elemento mobilizador é a religião, em Portugal a revolução dos cravos se deu através de estruturas militares, o próprio Exército funcionou mais ou menos como partido político. Eu acho que existe um certo cansaço em torno dos partidos, e esse cansaço no tocante às esquerdas existe devido à concepção do que possa ser o político no marxismo e, no leninismo, Lenin formulou muito mais sobre partidos que o próprio Marx, mas num período e num contexto que dificilmente podem ser generalizados através da história da humanidade. Ele formulou o centralismo democrático, que constitui mais ou menos o eixo dos partidos marxistas-leninistas, baseado na visão que ele tinha da superação do capitalismo através da derrubada do regime czarista na Rússia. Acho que a generalização disso através dos países e dos tempos tem resultado em espetáculos um pouco grotescos. Desta forma, os partidos que procuram se ater a uma ortodoxia são cada vez menores, e estão cada vez mais parecendo seitas políticas. Seitas políticas esperando que ocorra com elas o que ocorreu com os bolcheviques. É uma espécie de reprodução burguesa do eterno retorno julgar que aquela situação vai ocorrer de novo. Não me parece que o marxismo-leninismo como forma de organização seja adequado, e nem mesmo uma estrutura partidária, os partidos em geral. Os partidos geralmente têm respostas para tudo que se passa na sociedade e para todo o curso da história. Ocorre que muitas vezes essas visões projetivas da história são extremamente teológicas, no sentido de que são, digamos, um desejo de que a história se passe assim. A história não constitui uma entidade solta no espaço, com um curso determinado, uma espécie de Deus, com um caminho independente da ação dos homens. Podemos ver por exemplo, que dentro da perspectiva marxista, supunha-se que o socialismo ia estourar nos países desenvolvidos, e esta hipótese não se

realizou; o socialismo se implantou naqueles países onde as relações de produção eram mais atrasadas.

ET: Mas será que se poderia falar com propriedade de socialismo nesses países?

FG: Ainda que não se fale de socialismo, hoje eles se reivindicam do socialismo como transição de qualidade a partir do capitalismo. As pessoas às vezes têm respostas muito simples para isso, não se interrogando se hoje o marxismo é mesmo a visão mais completa, mais profunda no sentido de superação da sociedade. E neste sentido os partidos marxista-leninistas estão atrasados em relação à realidade. Há os partidos burgueses que também não conseguem mais polarizar o que existe de mais dinâmico na sociedade. Eu sinto que há uma certa crise de representação. As pessoas não se sentem mais representadas pelos partidos políticos, elas preferem desenvolver suas lutas e contar com os partidos quando necessitar deles. Nesse sentido a ecologia representa algo de novo, porque ao contrário do que muita gente pensa, o movimento ecológico não é apenas uma crítica à devastação do verde, ele é até mesmo uma crítica à política, à visão partidária, aos modelos de desenvolvimento apresentados tanto pelo capitalismo como pelo socialismo, colocando a concepção de uma nova qualidade de vida.

A geração 68: um balanço.

ET: Uma boa parte dos setores de esquerda, pelo menos no Brasil, tem hoje a seguinte formulação: uma série de movimentos feministas, dos negros dos homossexuais, etc.) existem e são importantes, mas acontece que não têm uma visão globalizante, coisa que nos temos, sendo nossa tarefa hegemonizar esses movimentos. Esta hegemonização não ocorre e os movimentos se organizam por conta própria. Existe um certo preconceito destes movimentos com relação às organizações e inclusive com a política. Então surge a questão: como pensar a relação da política com esses movimentos, por que existe uma rejeição mútua entre eles e as organizações?

FG: Vou falar primeiro em termos individuais depois em termos sociais. A reflexão que eu tenho feito do ponto de vista individual é que a transformação que houve da geração 68 para cá foi a sua divisão em termos de perspectiva em dois grupos básicos. De um lado o grupo que saiu para a guerrilha urbana, que colocava qualquer possibilidade de libertação no contexto das transformações sociais. Não havia qualquer libertação individual que não dependesse de uma transformação prévia da sociedade. Por outro lado uma outra corrente, que foi o movimento hippie e um setor da classe média, buscando a libertação individual, ignorando todas as transformações sociais, quer dizer, colocando a questão da liberdade mais como uma conquista pessoal, do que como um projeto de transformar a sociedade num dado momento. Eu acho que se um setor ficou muito alheio às necessidades de transformação individual, o outro ficou alheio às necessidades de transformação social. Penso que agora na década de 80 existe uma possibilidade de estabelecer uma síntese das duas visões. Eu acho que existe um grande processo de aprendizado individual, a nível de vanguarda, e a possibilidade de surgimento de uma nova vanguarda. Do ponto de vista social, o que acho problemático são os pontos de vista muito rígidos a respeito do papel da classe operária. É claro que a classe operária e seus aliados tradicionais são muito importantes, mas não bastam para estabelecer um processo democrático. Além dos operários, camponeses, estudantes e intelectuais, existem uma série de outros núcleos que têm que ser incorporados. O movimento ecológico, das mulheres, negros, homossexuais, etc., têm de

encontrar um denominador comum que os inclua. As dinâmicas e autonomia dos movimentos têm que ser respeitadas, mas em certos movimentos é na sua junção que temos possibilidades de colocar concepções democráticas globalizantes para a sociedade. Eu tenho impressão de que o aspecto mais importante nesse front é a classe operária, mas a classe operária não pode se comportar frente aos outros setores deste front como se estivesse a fim de gestar uma ditadura de proletariado. Ela tem que se relacionar com esse front numa perspectiva democrática, sendo que a hegemonia não é uma coisa que se atribua à classe operária, mas é conseguida na medida em que há uma interiorização por parte desta classe de uma visão de mundo realmente nova. No entanto para que esta visão de mundo seja nova ela tem que se libertar dos preconceitos burgueses, e não há nada mais preconceituoso em termos de movimento social, de movimento operário, de organizações de esquerda que o problema da política sexual. A política sexual da esquerda é fruto de uma visão burguesa. É impossível ela querer exercer uma hegemonia sobre os outros setores, um papel educativo no bom sentido, se ela possui uma visão mais atrasada do que a desses setores.

Agora a minha função então é de contribuir para que diminuam os preconceitos desses movimentos em relação ao movimento operário, e inversamente do movimento operário em relação a eles. Eu não posso me dedicar a organizar a classe operária, ela possui os seus organizadores, a minha luta é buscar para a classe operária um front cada vez mais amplo de aliados, desfazer na sociedade os preconceitos que se vê contra o movimento operário, desfazer na classe operária os preconceitos que existem contra os demais movimentos da sociedade.

ET: Você poderia retomar agora as suas colocações sobre o Gil e o Caetano?

FG: Sim, foi uma tentativa de mostrar à esquerda que a crítica que ela faz ao Caetano e ao Gil é uma crítica que, no fundo a identifica com a direita. A crítica ao Gil porque ele usa trancinhas, que um negro não deve usar trancinhas porque é uma coisa alienígena, não percebe que o Gil usa trancinhas e essas roupas porque está se identificando com a raça dele, com a cultura dele, e esperam que o Gil apresente uma imagem bem comportada do negro, que é a imagem do colonizador, e falam isto em nome do progresso, em nome dos valores nacionais. Então, a tentativa foi mostrar que todas estas críticas que fazem ao Gil e ao Caetano, seja do Gil assumir a sua negritude ou do Caetano assumir uma certa bissexualidade, são críticas colocadas num espaço conservador, e com isso eles vão se afastar da juventude, que gosta dos dois cantores inclusive por isso. Por outro lado, minha esperança é que também o Caetano e o Gil não se deixassem, uma vez criticados pela esquerda com argumentos de direita, cair no campo da direita, porque de uma certa maneira todas estas observações negativas a respeito da esquerda acabam contradizendo seu próprio trabalho. Então a tentativa é de estabelecer uma síntese que impeça que o libertário em termos sociais seja um conservador em termos de costumes, ou vice-versa, que o libertário em termos de costumes fosse um conservador, votasse na Arena. Essa esquizofrenia nacional tem que ser cortada, de alguma maneira esta cisão deve ser eliminada.

Seria importante tanto para o Gil, para o Caetano, como para a esquerda que eles deixassem de se digladiar e percebessem que tem um adversário comum. Essa história de partido Odara, patrulha ideológica, eu acho que no fundo reflete um atraso político, fazendo com que a gente brigue muito mais entre nós do que procure ajustar as forças num front amplo de luta pelas liberdades democráticas. (entrevista dada a José Mário Ortiz Ramos e Luis Carlos Resende).

Com lenço e com documento Os festivais da MPB

Quem reviu, depois de 13 anos, os Festivais da MPB de 1966 e 1967 com que a Record nos presenteou na semana passada, para competir com o sofrível festival da Tupi e com o da Globo (em organização), não tem dúvidas de que não se fazem mais festivais como antigamente.



Caetano Veloso no Festival da Record.

Diffícil, porque em meados de 67 poucos previam ou queriam prever que a violência do A15 tentaria desmoronar no plano político e sobretudo no plano cultural, as resistências, os sonhos e ilusões daqueles que no palco ou fora dele acreditavam numa eclosão e num domínio das idéias de esquerda. Assim, não fosse estarmos distantes no tempo e conhecermos a radicalização que a arte impôs aos chavões consumidos e desgastados de uma linguagem populista, as imagens jovens e doces de Caetano, Gil e Chico, para citar exemplos, nos pareceriam excessivamente ingênuas ou inocentes. Estas figuras que aparecem no vídeo como as grandes vencedoras e que foram tão largamente consumidas como tais, mal previam que pouco mais de um ano depois seriam declaradas vencidas e expulsas do território nacional pelo outro lado do sistema, para o qual elas excederiam os cânones do "bom comportamento". Ao mesmo tempo, vimos com saudade, uma época em que o MPB era o carro chefe e fator determinante da audiência televisiva, utilizada pelo sistema quem sabe, mas impondo, como contrapartida, seu recado, sua força e a sua luta pela liberdade de expressão.

O júri dos festivais era elitista, poderia se argumentar; as decisões chegavam impostas, apesar dos gritos e das váias, diriam outros, mas se saberia mais tarde que os jurados eram permeáveis à opinião popular, ou que eram autônomos em relação aos veículos organizadores e suas decisões eram respeitadas como tais. Ora, todos nós sabemos que a defesa da democracia plena nunca foi um forte dos Machado de Carvalho (vide o esforço constante em focalizar no auditório do festival, as damas bem vestidas e penteadas, as

figuras políticas presentes para projetar uma imagem elitista do acontecimento), mesmo assim nos balcões do Teatro Record uma massa estudantil tentava politizar a competição, em meio

a alguns desesperados fãs de Roberto Carlos ou inimigos de Nana Caymi.

Sabe-se também que Chico Buarque — "A Banda" — teria praticamente imposto a divisão do

1º premio de 66 com a Disparada do Vandré e Theo de Barros, porque julgava importante para o momento a vitória de uma música politicamente explícita, já que a sua banda vinha sendo inocente e unanimemente consumida pelas ruas do país.

Ora esta maleabilidade e autonomia de decisões não existiria mais a partir de 68.

O sistema passaria a absorver as glórias e as misérias dos festivais. 1972 seria o ano do último Festival Internacional da canção (já organizado pela super-Globo) e do último brado de alerta de seus participantes.

O júri do certame nacional se retira por não ver respeitadas as suas decisões e um de seus representantes é violentamente espancado nos bastidores quando na finalíssima internacional tenta ler o manifesto de repúdio aos organizadores daquela farsa musicada. O manifesto chega a ser lido, com uma frase cortada, mas desvenda-se uma situação limite.

Sob o A15, sob a hegemonia da Rede Globo de tv com todas as consequências nisso implicadas, com a repressão e a censura em seus melhores momentos, não é mais viável a limitada mas sincera luta democrática dos festivais.

A "Abertura", no entanto, parece incentivar uma retomada da onda 66/67 e a Record que não tem mais condições de conduzir este barco, cai de pau com o "Não se fazem mais festivais como antigamente". Embora imaginemos que o nosso raciocínio difira do desta emissora, sabemos que a história não se repete e que os acontecimentos musicais dos anos 60 eram frutos em grande parte de um contexto em que lutas peculiares buscaram caminhos para os quais a música e o Teatro representaram posições de vanguarda. Ora, estariam os intelectuais e artistas atuais dispostos a representarem os mesmos papéis sob risco de serem violentamente cooptados por um sistema mais sofisticado e apto a retraduzí-los em produto de consumo fácil?

Ora se não se fazem mais festivais como antigamente resta-nos colocar em exercício nossa imaginação criadora para tentar vislumbrar como os que precisam de festivais para se projetar, deverão se comportar para fazer passar seu recado em clima de "abertura".

(Miriam Goldfeder)

Filmes da TV

... E não é que a TV está preservando a cultura cinematográfica!

Um dos raros prazeres que a TV ainda nos oferece são os filmes que o canal 11/SP apresenta neste começo de ano. Junto com a TV Cultura, é a única estação onde o espectador não é soterrado de anúncios que quebram a todo instante a continuidade dos filmes.

Melhor do que a Cultura, porém, a pobreza ou talvez o acaso (ou ainda um programador inteligente, hipótese pouco provável) têm permitido à Gazeta mostrar certas obras primas do preto e branco que há muito tempo andam perdidas no porão de alguma distribuidora. É o caso de "Do Mundo Nada se Leva", comédia onde não se sabe se domina o ceticismo completo, ou a crença integral de Frank Capra nos valores americanos. Mais recentemente, foi a vez de "Gilda", talvez o filme mais erótico já produzido no pós-guerra, e uma aula de cinema para todos os admiradores dos sub-produtos pornô que andam soltos por aí. Quem viu o filme não se esquecerá certamente de Rita Hayworth, mas seria injusto reduzir o interesse de "Gilda" a isso. A verdade é que ninguém sabe dizer de onde saíram os méritos desse filme: ele é um evidente esforço da Colúmbia e deve muito a Rita, a Glenn Ford e ao antológico fotógrafo Rudolph Maté. Muita gente joga uma parte dos méritos sobre a produtora Virginia Van Upp, mas é indiscutível que a mise-en-scène de Charles Vidor tem aqui um papel importante. O pequeno Vidor, aquele que não é King Vidor, foi buscar suas referências no gigantesco Murnau de "O Último dos Homens" ou no demente von Sternberg, criando uma Rita Hayworth que é a sedução em pessoa. Ele não ficou nisso, e ainda bem. Se repetisse Sternberg, o filme não seria nada ou seria pouco. Acontece que Glenn Ford é, também ele, sedução, o que acrescenta um dado novo a esse tipo de cinema, pois no Sternberg dos anos 30 o homem era vítima, enquanto aqui não é: ele é importante. Estamos diante de um amor tão absurdo que os amantes se estripam com uma crueldade só proporcional à tesão que têm um pelo outro.

Há um outro aspecto a lembrar: embora o filme tenha uma bela mais-nôta, agrega toda a virtude e toda a



originalidade do que foi o "film noir" americano: o primeiro cinema a romper com a dramaturgia maniqueísta dos anos 30 e onde o espectador — em geral junto com o filme — se move por um pântano de personagens e situações sempre nebulosos, e ambíguos.

Seria injusto lembrar apenas a programação da TV Gazeta. A TV Cultura também apresenta bons filmes com poucas interrupções, embora aparentemente não se dê conta disso. Assim, na penúltima quinta-feira foi apresentado "Fahrenheit 451", o melhor filme de Truffaut, à exceção de "Os Incompreendidos". Inexplicavelmente, no debate que precede ao filme, falou-se de tudo que não vinha ao caso, mas ninguém lembrou que o referencial do filme (uma sociedade futura onde se queimam os livros) apenas servia para abrigar seu verdadeiro tema: uma

sociedade presente onde se queimam filmes. "Fahrenheit" é um filme sobre Henry Langlois, o fundador da Cinemateca Francesa, que durante a guerra escondia velhos negativos em sua própria casa. Eu não saberia dizer quantos filmes Langlois descobriu, quantos negativos salvou do fogo ou da deterioração; o certo é que não foram poucos. Truffaut, que é autor de uma obra desigual, não raro cheia de oficialismo, permanece sempre um dos melhores críticos de cinema de todos os tempos e sabe como ir ao fundo dos problemas da cultura cinematográfica.

Ora, como é precisamente disto que estou falando, não custa citar alguns bons filmes mostrados pelo canal 5.

Além do anunciadíssimo Festival Sinatra, foi ali que se pôde ver "Guys and Dolls", de Mankiewicz, um festival com alguns dos melhores filmes que

Frank Tashlin fez com Jerry Lewis, entre eles "Errado prá Cachorro", "Vai ou Racha", "O Bagunceiro Arrumadinho", ou ainda, "O Terror das Mulheres", dirigido pelo próprio Lewis. Lewis é um dos maiores comicos do cinema em geral, mestre do "non-sense" e quem revir com cuidado seu trabalho vai se espantar (e não apenas rir). Agora, os filmes que ele dirigiu, desde "The Bellboy", até "Which way to the Front", passando por sua obra prima, "O Professor Alopado", são de fazer balançar os fãs incondicionais de Woody Allen e mostram um dos melhores diretores de cinema americanos dos anos 60, infelizmente posto a nocaute pelos comerciantes.

O canal 7 tem mostrado, em horários geralmente proibitivos, a belíssima série de westerns produzida e interpretada por Randolph Scott e dirigida por Budd

na hora não exhibe.

Eu quis fazer este panorama, evidentemente parcial, para chegar aqui neste rabo de matéria e assinalar que, malgrado os anúncios, malgrado a dublagem, e a tela pequena a TV é no Brasil não apenas o principal, mas praticamente o único veículo a preservar a cultura cinematográfica, isto é, a fazer a conexão entre algo que aconteceu e o presente.

Isto não é obviamente um privilégio do cinema: a memória nunca foi nosso forte. Mas a barra em cinema é mais pesada. A SAC já não funciona há um bom tempo; o MASP supre os desregramentos de um mercado aviltado e o MIS ainda acredita em seriedade, razão bastante para que lá não se assistam filmes, senão raramente.

A TV, felizmente, está isenta de certos preconceitos, como a idéia de que cinema é uma arte etropéica, preconceito que é irmão siamês do nacionalismo. Resta-lhe superar o gigantismo, isto é, a mania de — via de regra — só apresentar filmes coloridos e sonoros. É claro que existe aí uma manobra das multinacionais para abarrotar o mercado com TVs coloridas, mas é tudo besteira. Ninguém me convencerá de que a Cultura não pode alcançar bons índices de audiência, caso desencana, por exemplo os Lon Chaney filmados por Tod Browning, os Murnau mudos, os "film noir" de Fritz Lang ou a série de fantásticos de Val Lewton para a RKO. Quanto à Gazeta, pode até conseguir alguns patrocinadores se, em vez de exibições ocasionais, decida organizar ciclos capazes de, mostrando o que foi o cinema, introduzirem o espectador à produção mais recente e que, nesses momentos de abertura, as salas comecem a abrir.

Nota: Eu ia esquecendo dois filmes exibidos pela TV Globo. O primeiro, "O Pirata", de Minelli, por razões óbvias: foi mostrado na noite de Reveillon. O segundo, é uma data na TV brasileira o primeiro filme de Godard mostrado na televisão.

(Miriam Goldfeder)



MR-8: uma história de zigue-zagues 1 - Uma origem promissora

Por Andreas Maia

A trajetória política do Movimento Revolucionário — 8 de Outubro reflete a tipologia da autoproclamada “esquerda revolucionária” brasileira. Em suas origens, rompeu empiricamente com o PCB, preconizou a revolução socialista e a luta política de massas do proletariado. Logo em seguida, enveredou pelos caminhos da luta-armada e do guerrilheirismo urbano. Posteriormente fez auto-crítica descobrindo o “sufrágio universal” e a democracia burguesa. E finalmente, caiu de novo nos braços do stalinismo, retomando a velha tese histórica do menchevismo segundo a qual a aliança do proletariado com a democracia liberal burguesa é o atalho mais curto para o crepúsculo das ditaduras despóticas. A marca registrada do MR-8 foram as bruscas viradas, os zigue-zagues, as oscilações entre oportunismo e aventura. As conquistas foram poucas e as derrotas sucessivas. Analisar este processo específico da prática política do MR-8 é fundamental como parte integrante de uma análise mais global da crise de direção por que passam atualmente todas as correntes da esquerda brasileira.

A derrota sofrida pela classe operária brasileira em 1964 levará o PCB a uma profunda crise quando da convocação do seu VI Congresso. Ao lado da “corrente nacional de luta interna”, tendência liderada por Mário Alves, Apolônio de Carvalho, Jacob Gorender e outros (que viria mais tarde formar o PCB) iria se constituir uma outra tendência mais à esquerda, difusamente organizada nos principais Estados e de base predominantemente estudantil. Na vanguarda deste processo se encontravam os militantes do Comitê Universitário carioca do PCB, que estavam dispostos a romper publicamente com o partido, e a não seguir mais as suas orientações, qualificadas de reformistas. O PCB, controlado pela tendência de Luis Carlos Prestes recusava-se a fazer autocrítica da derrota de 1964 e reafirmava a sua linha de buscar alianças com a burguesia nacional visando a conquista de uma etapa “democrática” na luta contra a ditadura militar. A maioria das células universitárias não irá aceitar a linha oficial do partido, partindo para um “racha” nas eleições parlamentares de 1966. Preconizando o voto nulo, em conjunto com a Ação Popular (que na época controlava a UNE) e, principalmente com a POLOP, os universitários dissidentes se organizam por fora do partido no Rio e conseguem aliar-se a outros organismos do PCB, também descontentes, no Rio Grande do Sul e em São Paulo, sem formar no entanto uma nova organização nacional.

A conquista das entidades estudantis passa a ser o veículo mais importante para a Dissidência carioca questionar a hegemonia da direção do PCB sobre as bases comunistas.

Primeiro, ganhando as eleições para o DCE-Livre da UFRJ e, posteriormente, conseguindo a maioria dos delegados no congresso de reorganização da UME - a UEE carioca - com a chapa liderada por Daniel Aarão Reis. Conquista-se também os DCEs da PUC e da Universidade Estadual. A dissidência consegue tornar-se uma força política hegemônica no meio estudantil, desbancando a longa e tradicional influência do “Partidão”, isto já em fins de 1966.

A Dissidência comunista na Guanabara conquista esta posição em função da proposta de dinamizar as entidades estudantis de massa, até então mantidas pelo PCB e pela AP como “biombos” partidários. A posição de atuar de forma combativa no ME, a participação ativa na campanha do boicote eleitoral de 1966 por meio do voto nulo, a denúncia dos acordos MEC-USAID, e a luta política contra a ditadura, serão fatores que reforçarão

a influência da UME, DCEs e dos centros acadêmicos junto à massa estudantil lançando as bases para as jornadas de 1968. O 29º Congresso da UNE será um palco de confronto da Dissidência comunista da GB - em conjunto com outras dissidência do PC - em vários Estados (SP, RGS, RJ) e com a POLOP - contra a influência da AP, que daí por diante crescentemente será impugnada a nível nacional.

Apesar da sensibilidade em detectar a potencialidade da luta dos estudantes contra a ditadura, a dissidência será guiada por concepções programáticas e estratégicas bastante genéricas a respeito do caráter capitalista da formação social brasileira, da etapa socialista da revolução, da hegemonia do proletariado na luta de classes e da construção de um partido revolucionário alternativo ao “Partidão”. São teses calcadas no programa da POLOP e marcadas pelos vícios desta, ou seja, dominadas pela visão economicista da política marxista com os inevitáveis maniqueísmos daí decorrentes. É significativo que embora estas teses preconizem a dinamização das entidades estudantis, paradoxalmente esta não vem acompanhada de uma tática de luta contra a escola capitalista e contra o regime, refletindo muito mais as necessidades de luta interna contra o PCB.

Continua na página 14



A famosa passeata dos 100 mil - 1968

Como Elbrick foi sequestrado

O sequestro do embaixador americano, uma ação espetacular do MR-8, contada por um de seus participantes diretos, Cid Queiroz Benjamin.

Depoimento a Marco Aurélio Garcia

Na história do MR-8, ocupa um importante lugar a ação de seqüestro do embaixador norte-americano Burke Elbrick que seus militantes realizaram em setembro de 1969 e que permitiu o resgate de 15 presos políticos, além de ter chamado a atenção do mundo para a situação brasileira. O seqüestro de Elbrick tem ainda mais um significado particular para a organização que a realiza (em associação com a ALN): pela primeira vez ela adota publicamente o nome Movimento Revolucionário 8 de Outubro.

Cid Queiroz Benjamin, teve uma participação central na ação, foi preso um ano depois e, por seu turno, banido do país, em troca do embaixador Holleibein, da Alemanha, em 1970. Ele contou a EM TEMPO as circunstâncias do seqüestro.

Libertar Vladimir

“A ação, além de seu objetivo de propaganda, buscava libertar alguns militantes presos, particularmente o Vladimir Palmeira, que era o maior líder popular do Rio de Janeiro na época. Nós tínhamos feito levantamentos para ver como tirá-lo da cadeia, mas a idéia do seqüestro surgiu quando nos demos conta que era impossível atacar o quartel onde se encontrava preso.

“Nós procuramos os companheiros da VAR-Palmares para realizar com eles a ação, mas a VAR enfrentava dificuldades naquele momento e não aparecia sequer nos pontos. Foi aí que entramos em contato com a ALN em São Paulo.

Sem proteção

“Depois que se descartou a idéia de um atentado, porque o seqüestro era mais útil, intensificamos nossos levantamentos. O esquema de segurança do embaixador na época era nulo. Ele não tinha nenhuma proteção e fazia todos os dias o mesmo trajeto de sua casa para a embaixada. Para obter maiores dados, no entanto, nós enviamos uma companheira com um cachorrinho para a frente da embaixada, onde ela ficou amiga do chefe da segurança. Este, na expectativa de poder sair uma noite com ela, facilitou as coisas...

“Resolvemos não alugar uma casa para guardar o embaixador, pois tínhamos que isto chamasse a atenção da polícia, que poderia fazer um levantamento das casas recentemente alugadas e foi por isto que resolvemos aproveitar um “aparelho” onde funcionava a gráfica da organização. Aí é que o Gabeira entrou na história, pois ele também morava na casa; ela havia sido locada em seu nome.

“Um ano mais tarde, quando eu fui preso, soube que a polícia já estava paquerando a casa - um vizinho denunciou “movimentos estranhos” - e provavelmente viu a entrada do embaixador.

“Um dia depois do seqüestro, a polícia esteve na casa onde Elbrick se encontrava guardado. Dois tipos desceram de um Volks e foram entrando na casa. O Cirilo, que estava no jardim, perguntou o que eles queriam e eles disseram que queriam falar com Fulano. Como o



Cid Queiroz

Cirilo respondeu que Fulano não morava ali, eles pediram para telefonar. Cirilo disse que não havia telefone e eles foram embora. Mas, ao saírem no carro, ele se deu conta que eles estavam falando alguma coisa em um aparelho de rádio. A partir daí não tivemos dúvida que estávamos cercados. E fomos detetando mais polícias em volta.

A libertação do embaixador

Como achamos muito arriscado mudar de casa, resolvemos ficar lá até que os 15 companheiros chegassem ao México. Fizemos coincidir a sua soltura com a saída de um jogo do Maracanã. O trânsito era intenso na Barão de Petrópolis e na época não existia ainda o Túnel Rebouças e nós aproveitamos. Havia várias camionetes da Marinha e nós éramos poucos. Saímos em dois carros. Um com o embaixador e outro de cobertura, com o armamento mais pesado. Eu dirigia este segundo carro. Pouco a pouco nós fomos sendo cercados por mais carros e a situação começou a ficar difícil, sobretudo porque nós preferíamos entregar o embaixador sem combate. O que salvou é que o carro onde ia o embaixador, era dirigido pelo Cláudio Torres, um excelente motorista que fazia peripécias incríveis e que conseguiu desgarrar num certo momento. Eu fazia sinal para a camionete da polícia para que passasse, mas eles, com medo das metralhadoras que tinhamos à mostra, não o fizeram. Quando o carro do Cláudio “se perdeu” nós ficamos sózinhos com a polícia, mas eles preferiram

encontrar o embaixador do que prender-nos e com isto conseguimos safar-nos. Todo o mundo se perdeu de todo o mundo e nós pudemos nos encontrar uma hora depois com toda a tranquilidade no ponto de segurança anteriormente previsto.

NA Rua Marx, aliás, Marques

“A libertação de Elbrick foi o mais complicado, pois o seqüestro mesmo não teve nada de especial. A ação de seqüestro foi dirigida pelo Virgílio Gomes da Silva, da ALN que, um mês depois seria morto a ponta-pés na OBAN, após ter assistido torturas sobre sua mulher e seu filho, na época de seis meses.

“Nós e os companheiros que vieram de São Paulo emboscamos o embaixador na rua Marques, que antes do Estado Novo se chamava Marx, atravessando o carro na frente do automóvel do embaixador. Quando ele parou nós o arrancamos de dentro. Tivemos de golpeá-lo pois ele resistiu pensando que era um atentado e que iam assassiná-lo. Ele mesmo justificou a coronhada que levou na cabeça, quando falou mais tarde aos jornalistas.

A lista

Inicialmente nós só tínhamos dois nomes para a lista, o Vladimir e o Gregório Bezerra. Mais tarde a lista foi engordando e chegou a onze e aí resolvemos arredondar para 15. Nós tivemos dúvidas se o governo iria ceder. O que presidiu a elaboração no entanto da lista, foi um desejo de abarcar militantes de várias organizações e de vários pontos do país. Mas, tanto a ALN como nós, tínhamos pouca informação sobre a esquerda e por isto muita gente que se encontrava presa naquele momento e que poderia ter sido libertada não o foi.

Conversas indiscretas

“No seu cativeiro, Elbrick teve algumas conversas conosco que foram gravadas e que, posteriormente, cairiam nas mãos da polícia. Nestas conversas ele compartia muitas de nossas críticas ao regime militar, especialmente no que se refere à violação dos direitos humanos, elogiava o Dom Helder, etc.

“Quando eu fui preso muitos militares não conheciam a existência das fitas e outros me interrogaram sobre seu conteúdo. É que elas foram capturadas em uma casa que caiu, mas não ficaram no DOI-CODI indo para os altos escalões. Pouco depois o embaixador foi substituído.

“Dias depois do seqüestro a polícia prendeu o Cláudio Torres, cujo casaco havia ficado na casa, o que permitiu aos agentes do Cenimar chegar ao alfaiate que o havia feito e daí ao cliente. O Cláudio era pouco conhecido no Rio e vivia legalmente. Ele sabia muita coisa e a organização não tinha uma estrutura sólida. Não fosse a firmeza que demonstrou durante a tortura - esteve duas vezes em estado de coma - provavelmente a história da esquerda brasileira dedicaria um capítulo muito pequeno ao MR-8. Todos nós estivemos em suas mãos. E ele agüentou”.

Continuação da página 13

Esta dinâmica continuará durante o ano de 1967 gerando uma crise na Dissidência. Por não elaborar uma proposta alternativa para os militantes, além da ação universitária (muitos já tinham se formado), e por indefinição quanto aos rumos de qual o partido revolucionário que se quer construir, a Dissidência começa a sofrer a ação de forças centrífugas. Por um lado há a perspectiva levantada pela «corrente nacional» do PCB de ganhar o VI Congresso (o que não acontecerá) e, por outro, há o chamamento para a constituição da Frente de Esquerda Revolucionária proposta pela POLOP e que já tinha ganho os comunistas gaúchos que saíram do PC. Começa a surgir também o «foguismo» inspirado nas teses de Debray («**Revolução na Revolução**») que destaca o papel do foco guerrilheiro como forma de luta imediata contra os regimes latino-americanos.

A Conferência que a Dissidência realiza em dezembro de 1967 coroará a crise. São expulsos os militantes que simpatizavam com a «corrente», e os «foguistas», apesar de participarem da reunião, saem logo depois. A Conferência avança pouco quanto à linha política geral da organização. Aceita-se participar da FER com reservas quanto aos critérios de adesão e quanto ao propagandismo da POLOP. A linha adotada é de reforçar as lutas políticas de massas contra a ditadura e a realização de frentes táticas de esquerda, contrariando a idéia original da POLOP que via a FER como etapa para construir um partido operário. Inicia-se também um processo de autosuficiência da Dissidência em termos de construir um partido revolucionário.

As jornadas de 1968 e a «Passeata dos 100 mil»

O pano de fundo das jornadas estudantis de 1968 no Rio, onde a Dissidência se destaca como liderança, especialmente concentrada na pessoa de Vladimir «Pipico» Palmeira, é determinado pela mobilização da juventude estudantil radicalizada, descontente com a ditadura militar e com a falta de perspectivas da escola capitalista. A «primavera dos povos» e o ascenso das revoluções mundiais em 1968 (o maio francês, a ofensiva militar do Vietnã, a revolução anti-burocrática na Tchecoslováquia) serão referências, embora distantes, mas nem por isso menos importantes, na composição do perfil ideológico da vanguarda estudantil.

Os métodos de luta tendem para o extraparlamentarismo, para as ações combativas de massas, as passeatas e comícios de rua. A juventude descontente com o PCB como via revolucionária e recusando qualquer composição com a oposição democrático-burguesa (os antigos partidos já tinham sido dissolvidos pela ditadura e substituídos pela ARENA e MDB), tentará levar suas palavras de ordem às ruas. A crise política nacional caminhava a largos passos e o movimento operário já começava a se recompor em torno do (Movimento Intersindical Anti-arrasto). O 1º de Maio na Praça da Sé torna-se violento e eclodem mais tarde as greves de Contagem e Osasco com o fruto de uma lenta articulação da vanguarda operária desde o golpe militar.

O reconhecimento, nesta conjuntura, da importância do M.E. como «vanguarda tática» na luta contra a ditadura, sem esperar e nem substituir os trabalhadores, foi uma das contribuições da Dissidência carioca, ao lado de outras concepções mais elaboradas como a da «Universidade Crítica» feita pelo POC (a ex-POLOP associada com a Dissidência do RGS). No entanto, foi um reconhecimento empírico, praticamente inconsciente, espontâneo, incapaz de germinar uma tática adequada. A Dissidência questiona o populismo da AP e o reformismo do PCB sem apresentar alternativas de mobilização política. A estratégia socialista era calcada mecanicamente numa certa concepção no movimento espontâneo de massas.

A eleição de Vladimir Palmeira para a presidência da UME, numa chapa em que participavam Franklin Martins, Cid Queiroz Benjamin, autor deste artigo e outros, será um fator de dinamização da organização. Ao lado da direção formalmente eleita para a organização, na prática, a diretoria da UME atuará como a sua direção efetiva, lançando palavras de ordens, mobilizando militantes, organizando novas bases, etc. Vladimir Palmeira começa a chamar a atenção para a importância das palavras de ordem democráticas e anti-imperialistas inseridas numa estratégia anti-capitalista, mas não conta com apoio significativo entre os militantes da Dissidência e no próprio movimento estudantil em geral.

As campanhas de lutas por mais verbas e vagas na Universidade, a luta contra os acordos MEC-USAID, a campanha do restaurante estudantil do Calabouço, embora sejam reivindicações restritas ao âmbito estudantil, a dinâmica aí iniciada ultrapassa os limites da luta reivindicatória e atinge o patamar de luta política geral. A morte do estudante Edison Luís em frente ao restaurante do Calabouço, pela repressão, mobiliza a população carioca em grandes comícios de rua. A partir daí sucedem-se uma série de passeatas convocadas pelas lideranças estudantis onde eclodem vários combates de rua. A rua passa a ser do movimento estudantil, a população dá pleno apoio e barricadas e auto-defesa são organizadas pelos estudantes para bloquear a repressão. A «Passeata dos 100 mil» - denominação dada pela imprensa em função do número de

manifestantes - será a maior mobilização de massas anti-ditadura até então. Uma comissão popular, eleita na manifestação, irá a Brasília negociar com o então presidente, general Costa e Silva, a libertação dos presos políticos e o atendimento de muitas reivindicações populares.

A Dissidência é pega de surpresa pelos acontecimentos e passa a encará-los com euforia. Interpreta as mobilizações como um ascenso contínuo das lutas. Os seus quadros não se dão conta de que a classe operária, com exceção de manifestações mais localizadas em São Paulo, era ainda um elemento ausente na política nacional. Recusa-se as reivindicações democráticas, tão importantes nas mobilizações de 1968 - na realidade o principal fator inconsciente de mobilização das massas e dinamizador da luta de classes - sob a alegação de que eram reformistas. O ultra-esquerdismo começa a nascer como ação política imediata.

Alguns acontecimentos cômicos ilustram a ausência de pés na terra. Enquanto era procurado pela polícia, Vladimir Palmeira ia ao DOPS discutir as condições para um salvo-conduto (o que não foi aceito por Vladimir) ou então encontrava-se com o ministro Andreazza para sondagens políticas. Estes fatos em si não significam grande coisa, mas em conjunto com o destaque e projeção dos quadros da dissidência no movimento de massas, criaram uma falsa expectativa, uma ilusão de um «poder» que efetivamente não tinham enquanto pequena organização de estudantes, limitada ao Estado da Guanabara.

O endurecimento da ditadura e a adesão à luta armada

A Dissidência era na realidade uma organização comunista de estudantes que rompia empiricamente com o PCB. Mas neste processo ficou no meio do caminho. Sem grandes referências com o marxismo revolucionário, acabará sendo polarizada pela virada ultra-esquerdista da vanguarda, onde já estavam em curso as ações armadas desencadeadas pela ALN de Marighela ou as expropriações feitas pela VPR com vistas a desencadear a «guerra revolucionária».

O endurecimento do regime, que levará ao desbaratamento do 30º Congresso da UNE em Ibiúna e ao fechamento do Congresso Nacional com a edição do Ato Institucional nº 5, tem como contrapartida a eclosão da luta armada pela maioria das organizações de esquerda. A Conferência realizada pela Dissidência em princípios de 1969 incorpora a tática de mobilizar o proletariado por meio das ações armadas exemplares. Considera-se que as únicas organizações revolucionárias são as que desencadeiam a luta armada. A Conferência tira em suas resoluções a tarefa da organização se proletarianizar com o deslocamento de militantes para os subúrbios e para a realização de planfletagens nas portas de fábricas. Nega-se os sindicatos e a luta sindical, aos quais opõe a organização de grupos clandestinos de operários, geralmente para dar apoio às ações de vanguarda.

O refluxo do movimento de massas, generalizado em 1969, será desprezado pela organização. Num jornalzinho operário chamado «Luta Operária» preconiza-se a idéia de que «se em 1968 as lutas de classes foram elevadas, em 1969 serão mais ainda». Depura-se a organização dos militantes «frouxos», isto é os que não se enquadravam nas aptidões de guerrilheiro urbano. Militariza-se todos os militantes.

Cabe destacar que esta posição não vingou sem reações. O autor deste artigo e mais uma série de militantes, quase todos da área operária, e portanto sensíveis ao estado de ânimo das massas, preconizavam o oposto. Considerávamos que a conjuntura refluía, que o capitalismo se expandia e que não estava em crise, sendo portanto necessário reforçar a organização independente dos trabalhadores nos locais de trabalho, os comitês de empresa, como forma da classe reagir à exploração. Já nesta época incorporávamos em nossos textos o caráter permanente da revolução socialista no Brasil, o que implicava na fusão das lutas democráticas com a luta anti-capitalista geral. Procurávamos uma opção também socialista anti-burocrática e anti-stalinista.

A organização abandona progressivamente as organizações de massa, principalmente as entidades estudantis. Elabora um jornal para as classes médias, o «Resistência» e outro para o movimento operário mas, em geral, estes não davam orientações e nem estavam inseridos nos problemas imediatos dos trabalhadores. A organização se isola e passa a existir praticamente em torno da luta armada e do círculo vicioso de fazer expropriações para manter-se e vai por aí sucessivamente. A oposição leninista, reduzida a alguns militantes (muitos que faziam oposição já tinham abandonado a organização) rompe e adere ao POC.

É neste quadro que a Dissidência estreita relações com as organizações da luta armada, a VAR-Palmares, a VPR e a ALN. O seu caráter regional e suas ações localizadas ainda não tinham atraído a mão de ferro da repressão.

A Dissidência tenta um lance ousado de repercussão nacional. Planeja e executa em colaboração com a ALN o sequestro do embaixador norte-americano com o objetivo de libertar 15 presos políticos, especialmente Vladimir Palmeira, preso desde o congresso de Ibiúna. Nasce assim o MR-8, denominação feita em homenagem ao dia da morte de Che Guevara.

Continua na próxima edição

Fascismo «proletário»

A propósito do jornal A HORA DO POVO

No dia 14/12/79 às 20:30 hs na porta do Sindicato dos Metalúrgicos de S.P. 30 elementos adeptos do jornal A HORA DO POVO, estranhos à categoria profissional, agrediram os membros da Oposição Sindical Metalúrgica com cassetes, correntes e barras de ferro, resultando ferimentos em Vito Giannotti e Raimundo de Oliveira — este, medicado no Pronto Socorro.

«Só não conseguiram a eliminação física destes companheiros porque eles conseguiram refugiar-se num clube, na rua Tabatinguera», diz a Carta Aberta aos Trabalhadores e a Opinião Pública em Geral da Oposição Metalúrgica. O que é de pasmar, é que os membros da Oposição Sindical refugiram-se no Clube Militar lá existente (R. Tabatinguera), onde um coronel de revólver na mão impediu a invasão e agressão aos operários clamando: — Vocês têm que respeitar quem pensa diferentemente!

Tais acontecimentos suscitam reflexões. Os agressores são os mesmos que na última campanha salarial dos metalúrgicos investiram contra seus companheiros que deram «força total» à campanha. Além do mais, são os que querem que os trabalhadores aceitem o famigerado «Pacto Social» que beneficia exclusivamente a classe patronal. Em suma «são aqueles que batendo no peito se dizem marxistas-leninistas, mas no entanto, armam-se de correntes e cassetes e vão à porta de nosso Sindicato colocar os operários «aventureiros» na linha». (Carta Aberta, acima citada).

Isso mostra até que ponto o autoritarismo não se constitui em privilégio exclusivo do Estado e de seus agentes, porém, como um canoro infiltrou-se nos poros da sociedade civil, especialmente, no seio de grupúsculos que se jactam de dialéticos, porém, usam práticas fascistas como meios para chegar a seus pretensos fins: libertar a classe operária da exploração e da dominação. Ora, os fins a atingir são definidos pelos meios empregados, jamais se conseguirá desalienar uma classe batendo em seus membros com cassetes, correntes, barras de ferros. Deus livre a classe operária de tais libertadores, ao contrário, uma das condições de auto-libertação da classe consiste em livrar-se de tais «libertadores» ou «representantes».

Tais práticas fascistas mostram que, embora o fascismo como sistema político e ideologia serviu de escudo aos grandes monopólios na Itália e Alemanha, suas práticas se universalizaram no meio operário por meio de um irmão inimigo: o stalinismo.

Stalinismo representou na história do movimento operário a formação de partidos que usam uma linguagem de «esquerda» e realizam uma prática político-social conservadora, no melhor dos casos, próximos à direita tradicional.

O exemplo da Espanha

Eis que, a intolerância à divergência, o extermínio físico dos opositores no campo operário, a calúnia como arma política contra os «heréticos» e «cismáticos» se consti-

tuiram num arsenal político do stalinismo, especialmente vigoroso entre as décadas de 30/40.

Foi na Espanha, em plena guerra civil, que na área dominada pelo stalinismo deu-se uma das maiores repressões que a história conheceu à esquerda não autoritária. Assim, militantes da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) de tendência socialista-libertária, membros do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), foram presos, torturados e mortos nas «tchekas» constituídas pelos adeptos de Carrillo.

Enquanto lutavam contra Franco, esses militantes eram fuzilados pelas costas pela GPU (Policia Secreta) à serviço do stalinismo. Resultado: foi mais, graças a essa repressão à esquerda não autoritária e menos ao apoio de Hitler e Mussolini que Franco venceu a Guerra Civil, submergindo a Espanha em 50 anos de trevas.

A memória histórica é curta, especialmente no quadro brasileiro. Práticas autoritárias fascistas praticadas por minorias no meio operário, se constituem no maior entrave ao crescimento da consciência social e política do operariado, socializam a insegurança e o medo, isso merece o repúdio da sociedade civil.

Eis que, as divergências entre as várias facções no meio operário devem ser resolvidas mediante a discussão ampla e aberta dos problemas e não de sua «repressão» mediante a violência de grupos organizados contra seus companheiros. Embora, a bem da verdade «é importante notar que nenhuma das pessoas que vendiam a HORA DO POVO era da categoria (metalúrgicos), haja visto que todos ficaram na rua, enquanto a Assembléia transcorria normalmente no interior do Sindicato» (Carta Aberta citada).

Isso mostra que os agressores eram figuras estranhas à categoria preocupados em aterrorizar aqueles que não rezavam por sua cartilha, que não aceitavam o celeberrimo «Pacto Social», no melhor estilo de uma prática fascista que, na falta de melhor qualificação, entendo como fascismo proletário, isso é, fascismo de burocratas em cima de proletários.

O repúdio não basta

É bem verdade, que, tal prática fascista fora repudiada no Congresso da Anistia de Salvador, no I Congresso contra a Cestaria em S. Paulo, na Plenária dos Delegados de Área do Rio de Janeiro (que corresponde aos Comandos em S. Paulo), pelos metalúrgicos de Guarulhos em Assembléia e pela Pastoral Operária. Porém, isso não basta.

É hora de relembrar a Espanha de 1936/39, onde êmulos espanhóis de A HORA DO POVO esmagaram as correntes de esquerda não-autoritárias, permitindo a emergência e vitória do franquismo. Ainda sobra tempo para meditar nisso, porém, esse tempo é exíguo.

(Maurício Tragtemberg, Professor da FGV e da UNICAMP)

Em memória de Luiz Hirata

Anistiada, revisito após 9 anos de exílio, um lugar onde passei as férias em minha infância. Meu primo — Luiz Hirata — foi assassinado há exatamente 8 anos, em 20 de dezembro de 1971, aos 25 anos de idade, logo após ser preso pelo DOPS de São Paulo. Sua família, que deixou o sítio Aurora pela cidade de Lins, se lembra de fatos, de fragmentos de história, olhando e mostrando fotos do filho morto. Enterrado em Perus, está muito longe para ser visitado. Ninguém sabe muito bem como nem quando foi preso. Só se sabe que foi muito espancado, com outros companheiros, mas só ele inchou e, após uma greve de fome dos amigos para que fosse medicado, morreu no hospital. Como foi preso? Não se

sabe. O pai, imigrante japonês, sitiante, tinha esperança de que o filho estudante de Agronomia o ajudasse nos trabalhos da roça após a formatura. Mas ele foi para o Vale da Ribeira, onde foi visto por amigos da família, mal vestido, e não “com terno e gravata como deveria se vestir um doutor”. E parece que ia ele mesmo lavar suas roupas...

Da prisão, ele escreveu à família: “Não posso passar o Natal com vocês — por impossibilidade física — estou machucado e detido”. Esta carta e o atestado de óbito estão datados do mesmo dia.

“Um dia compreenderão porque isso aconteceu comigo e porque sou contra esse governo, contra a exploração latifundiária.”



Luiz Hirata

O PT e os trabalhadores

Companheiros.

O movimento pelo partido dos trabalhadores deve romper com os chavões teóricos, que na maioria das vezes, só servem para criar barreiras aos trabalhadores menos conscientizados e encobrir a concretização de uma militância correta. Evidentemente que não podemos cair no obreirismo, mas sempre que possível realizarmos cursos e debates com o objetivo de criarmos uma consciência anti-capitalista mais sedimentada.

A nossa realidade política oferece a todos aqueles que militam no PT a tarefa de organizar urgentemente a luta dos trabalhadores domésticos pela criação do seu sindicato.

Proponho, então, que façamos, em cada grande cidade, uma convocação a todos os trabalhadores domésticos, através dos meios de comunicação, para debater seus poucos e neficientes direitos da Previdência Social, e, conseqüentemente, lançarmos a palavra de ordem pela construção do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos.

(Moreno Chaves — Metalúrgico, membro do Movtº. pelo PT de Fortaleza, CE)

Anistia O que foi o Congresso de Salvador?

Considerando que o jornal EM TEMPO cumpre um importante papel na divulgação das lutas das oposições brasileiras e que graças à sua fidedignidade conquistou um papel reconhecido no conjunto das oposições, julgamos no interesse de todos o esclarecimento de algumas questões. Trata-se da matéria “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”, publicada na edição nº 91 deste semanário, sobre o IIº Congresso Nacional da Anistia. Nela, não se retratou com fidelidade as conclusões do Congresso.

Em primeiro lugar a matéria ao citar as campanhas prioritárias decididas no Congresso, não fez referência justamente àquela considerada por todos com a mais importante, qual seja, a campanha de esclarecimento da situação dos mortos e desaparecidos. Este é sem dúvida um legítimo “calcanhar de Aquiles” da ditadura, que não tem como explicar o destino de centenas de revolucionários brasileiros após o golpe de 64. Com a descoberta dos corpos de Denis Antonio Casemiro e de Luiz Antonio Tejera Lisboa, no cemitério de Perus, São Paulo — o primeiro com o nome incompleto e o segundo com o nome de Nelson Bueno — e com as informações cada vez maiores sobre a guerrilha no Araguaia, a campanha pelo esclarecimento sobre os mortos e desaparecidos permite colocar em xeque o governo militar e seu aparelho repressivo, colaborando decisivamente para o enfraquecimento do regime junto a opinião pública. Essa campanha ganha principalidade agora quando as mortes e desaparecimentos anteriores são ligados às mortes que estão ocorrendo no movimento grevista, como a de Santo Dias da Silva, desmascarando assim a falsa abertura tão alardeada pela Secretaria de Comunicação Social.

A questão do Tribunal

Outro ponto que chamou nossa atenção na matéria publicada pelo ET foi o destaque dado ao Tribunal de julgamento dos crimes políticos da ditadura e que chegou a ser usado como manchete do jornal. No Congresso da Anistia essa proposta não teve o peso que o jornal lhe atribuiu e apesar de ter sido aprovada em plenária, não se constituiu em um dos eixos básicos de trabalho a serem desenvolvidos de imediato. Pelo contrário esse foi um ponto que dividiu o Congresso, e por isso estranhamos que tenha tido

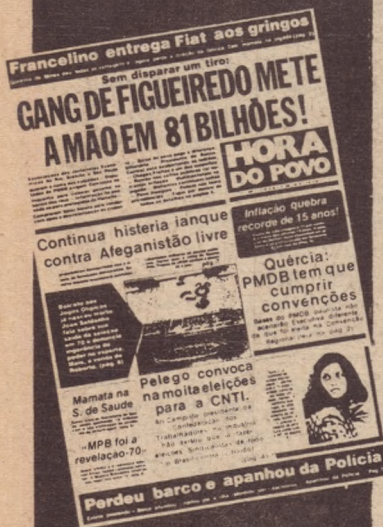
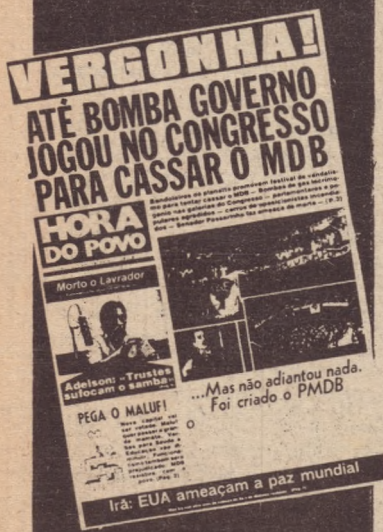
tanto destaque, quanto todos os demais pontos aprovados o foram quase por unanimidade, unanimidade essa que não mereceu a mesma divulgação. Estranhamos também que todos os opositores à proposta de Tribunal tenham sido identificados por ET como **claudicantes e colaboracionistas**, o que realmente não procede: nenhuma voz se levantou contra a idéia do Tribunal em si, mas sim quanto a oportunidade e exequibilidade no futuro próximo. O que o Congresso se conscientizou foi quanto à necessidade de priorizar algumas campanhas sob pena de não conseguir levar a bom termo nenhuma das duas dezenas de propostas aprovadas em plenária.

Ainda quanto ao tratamento dessa questão na matéria, a alegação publicada de que “não podemos nos iludir com um pretensão tribunal de Nuremberg tendo os nazistas ainda no poder” não foi a única objeção apresentada em desfavor desta proposta, não sendo sequer a principal. A maior discussão era de quem seriam os juizes desse tribunal, usando como exemplo muito discutido o Tribunal Russel (que aliás se realizou fora do Vietnam) que era composto de figuras exponenciais na defesa dos Direitos Humanos no mundo. Mas quais seriam os notáveis brasileiros que julgariam os torturadores e seu regime, quando, por exemplo, o próprio Congresso da Anistia teve um apoio mínimo de parlamentares? Está certo que temos um D. Paulo Evaristo Arns, um Hélio Bicudo, mas quantos mais dos notáveis brasileiros se dispõem hoje presidir esse tribunal? Ulisses Guimarães, talvez...?

É claro que a idéia do Tribunal é válida para o futuro, e hoje já se trabalha com vistas a criar condições para que isso aconteça, já existindo dossiês sobre mortos e desaparecidos elaborados pelo CBA de Rio e São Paulo.

Por último gostaríamos de registrar que, apesar do Congresso contar com a participação de vários trabalhadores vinculados à produção, que colaboraram decisivamente para que se aprovasse um eixo de luta que vinculasse a luta pela Anistia com as lutas populares, esse Congresso ainda não foi exatamente como o publicado no ET “dominado pelos trabalhadores do campo e da cidade”. Esse sim deve ser o nosso objetivo e ainda chegaremos lá!

A bem da verdade, (CBA-RS)



EM TEMPO

CONSELHO EDITORIAL E ADMINISTRATIVO: Eder Sader (presidente), Aloisio Marques, Antonio Helder, Antonio Jorge, Carlos Tibúrcio, Flávio Aguiar, Flávio Andrade, F Pereira, João Batista dos Mares Guia, José Luiz Nadai, Marcelo Beraha, Marcos Aurélio Garcia Paulo Cavalcanti, Raul Pont, Robinson Ayres, Sérgio Alli, Tom Duarte — Suplentes: Luci Ayala, Marisa Araujo, Roberto Rodrigues Sandra Starling, Valmir Menezes DIRETORIA: Flávio Andrade, (presidente), Carlos Tibúrcio,

José Luiz Nadai, Marco Aurélio Garcia, Robinson Ayres.

EDITOR CHEFE: Flávio Andrade.

DIRETOR RESPONSÁVEIS: Robinson Ayres.

ARTE: Paulo Roberto M. Borges, Pappi. SUCURSAL: Belo Horizonte — Av. Cristovão Colombo, 550 - Tel.: 224-0127 — PORTO ALEGRE: Av. Osvaldo Aranha, 1407 -

loja 20: RIO DE JANEIRO —

Praia do Botafogo, 316, sala 209 SALVADOR — Av. Joana Angélica, 8, sala 44: FORTALEZA — Rua Castro e Silva, 1169 — Tel: 226-8004.

EM TEMPO é uma publicação da Editora Aparte S/A — Av. Cristovão Colombo, 550, Tel.: 224-0127 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

COMPOSIÇÃO E IMPRES— SÃO: Empresa Jornalística AFA Ltda - Av. Liberdade, 704 — São Paulo — Tel.: 278-9010

Rua Matheus Grou, 57- Pinheiros- São Paulo CEP: 05415 Telefones: 280-4759-853-6680

Leia e assine COMPANHEIRO

Uma imprensa que luta contra a ditadura e exploração

Semestral Cr\$ 120,00
Anual Cr\$ 240,00
Anual para o exterior \$ 70

Nome: _____
Endereço: _____ Cep: _____
Estado: _____
Bairro: _____ Profissão: _____
Cidade: _____

Cheque nominal para Editora Avante Ltda
Rua Itapeva, 28 — Bela Vista
CEP 01332 — São Paulo

Inédito
por
Cortázar (*)

Nicarágua, la nueva

O autor, que esteve recentemente na Nicarágua, escreveu este artigo, no qual recolhe as impressões que lhe causou o ressurgimento da «Nueva Nicarágua».

Ainda que não me falte um pouco de imaginação, se alguém me tivesse dito há um mês que me caberia entrar em Nicarágua a bordo do jato que pertenceu a Somoza, eu lhe teria respondido como bom portenho: "Andá cantale a Gardel".

Pensando bem, sem dúvida, devo ter presente que até agora minhas vindas à Nicarágua têm sido pelo menos insólitas. Da vez anterior, três anos atrás, o fiz clandestinamente em um pequeno avião que saiu da Costa Rica levando Ernesto Cardenal, Sergio Ramírez, Oscar Castillo e eu até a fronteira, onde amigos seguros nos passaram em "jeeps" e lanchas para desembarcar-nos em Solentiname. (Ilha pertencente à Nicarágua). Tudo isso, porém, já foi por mim narrado em outra parte, ainda que alguns leitores tenham pensado, então, que se tratava de uma ficção. Começo a crer que tratando-se de Nicarágua, a fronteira entre ficção e realidade não está muito clara, no que se refere à minha pessoa, porque esta segunda viagem, nada clandestina agora, teve também lances quase de fantasia. Ou seja, começou com um pesadelo diurno, quando em pleno centro de Panamá, onde esperávamos para tomar o avião de carreira para Manágua, minha companheira Carol e eu fomos assaltados por alguém que, dotado de considerável eficácia, se perdeu no nada, levando quase tudo o que tínhamos, entre outras coisas, nossos passaportes.

Perder o passaporte é sempre temível em nossos tempos, sobretudo quando não se está nada seguro de que as autoridades de nossos países vão nos dar e quando não há jeito de pegar um avião sem papéis, cartões, carimbos, contracarimbos e mata-carimbos. O pesadelo tornou-se resolutamente kaskiano nos quartéis da polícia, onde um trâmite é sempre um trâmite, e precisei expor, em detalhe, algo que havia ocorrido em poucos segundos. Em casos assim, me ocorre situar-me numa espécie de segundo plano, desde o qual me vejo a mim mesmo com uma indiferente objetividade e assisto com todas as minhas reservas de humor ao que me está acontecendo. Neste caso, quando um oficial de polícia alça os olhos da máquina de escrever e me pergunta: "Como se chama seu pai?" (sic), enquanto eu penso: que maldito, o que tem que fazer aí e nessas circunstâncias um senhor que morreu há trinta e cinco anos, mas assim mesmo tem que explicar que se chamava Julio, ainda que para efeito do caso o mesmo daria rebatizá-lo de Hilário ou Constantino.

O pesadelo kaskiano (que consiste em que tudo se estira interminavelmente e sempre em uma direção inútil e por sua vez vagamente perigosa, como se de nosso interrogatório enquanto vítimas de um assalto pudesse nascer, pouco a pouco, uma bifurcação que nos fosse transformando em suspeitos e finalmente em culpados de algum gravíssimo delito) voltou a uma realidade bastante preferível nesses momentos, com a entrada em cena de um emissário do General Omar Torrijos, o qual, inteirado de nossa presença no Panamá, mandava buscar-nos e, de resto, colocava todos os detetives da cidade na perseguição do ladrão de passaportes. Estes não apareceram, mas sim algumas bebidas geladas e alcoólicas e necessárias, e uma hospitalidade que não esqueceremos, ao mesmo tempo cávida e discreta, uma conversa com um homem cuja força interior se oculta atrás de uma displicente figura. Tímido como sou quando não conheço bem o meu interlocutor, senti em Torrijos a mesma

dificuldade para o contato, que se foi dando pouco a pouco e finalmente se realizou com uma fineza que, creio, nos agradou a ambos. Se tivesse que resumir a personalidade de Omar Torrijos creio que evocaria a imagem do leopardo, sua suave negligência, sob a qual se esconde a força fulminante.

O irracional velava, entretanto, porque quando a realidade se acumula e se condensa em demasia termina por mudar de sentido e tudo é possível nela como nos sonhos ou nos contos fantásticos. Preocupado com nosso destino imediato, Torrijos propôs nos enviar a Manágua no seu avião privado, e neste estávamos quando um de seus assistentes chegou com a notícia de que em Nicarágua já se haviam inteirado de nossas dificuldades e que o Comandante Tomás Borge, Ministro do Interior da Junta do Governo, acabava de ordenar o envio de um avião para levar-nos na manhã seguinte a Manágua; eis como depois de nos vermos privados de toda a possibilidade de des-

os periodistas nos esperavam exatamente na outra ponta do aeroporto. Um auto-perdão, um carro - nos pegou em poucos minutos, e eu tive meu segundo banho de Nicarágua, minha segunda e formosa imersão nas águas de um povo incontinentemente feliz na sua liberação e seu renascimento. Rádio, televisão, entrevistas-relâmpago, tudo entre abraços e planos e notícias contraditórias e as primeiras visões dos milicianos em armas, rapazes e moças com metralhadoras e pistolas e uniformes às vezes indescritíveis e sempre, invariavelmente sempre, o sorriso da liberdade, quero dizer também a liberdade do sorriso.

Tomás Borge não somente nos havia enviado um avião como também nos recebeu em sua casa para alojar-nos junto a ele e sua esposa Josefina. Por seu lado, Ernesto Cardenal nos esperava no Ministério de Cultura para colocar-me sob o nariz um considerável plano de trabalho (que discuti com a energia ne-

no a proceder com uma prudência que já é impugnada nos setores mais radicalizados, mas que a enorme maioria do povo compreende e apóia. Só assim foi possível fazer tanto em tão pouco tempo; assombra pensar na transformação que se operou em apenas quatro meses, com provar as linhas de força que se estendem em todas as direções para acelerar a reconstrução total de um país devastado pela rapina, o terror, a monstruosa fúria da mal chamada guarda nacional nas últimas etapas da luta. Um símbolo apenas: quando entrei em uma sala de aula da Universidade (a UCA) para participar de uma mesa redonda com assistência de escritores e estudantes, o primeiro que vi foram quadros-negros com listas de voluntários para a campanha de alfabetização que começará em março de 80.

Reunidos com os professores, os estudantes discutiam os planos, os contingentes, a distribuição de esforços. Um censo o mais completo possível dadas as circunstâncias revela o estado de total abandono cultural em que se encontravam as crianças e os jovens sob o somozismo; agora, cada vez que assisti a uma concentração popular na qual se aludia à alfabetização, vi claramente o apoio que esta campanha terá em todas as partes. Nas vésperas de nossa partida chegou a Manágua um pequeno contingente de cem professores cubanos, que tanto sabem de alfabetização; sua tarefa será a de orientar seus colegas nicaraguenses, e sobretudo aos estudantes de universidades e colégios que vão se converter em alfabetizadores. E não é inútil assinalar que neste momento, na "ilha da juventude" em Cuba, mil crianças nicaraguenses estudam junto com as cubanas; trezentos dentre eles combateram nas fileiras da Frente Sandinista.

Neste último caso, os membros da Junta têm clara consciência do problema que representa a readaptação de muitas crianças e jovens à sua condição natural de menores de idade e de estudantes; basta chegar à rua e ver as caras imberbes de rapazinhos uniformizados e armados que cumprem suas tarefas de milicianos com a clara consciência de exercer um direito bem conquistado.

Moças muito jovens montam guarda com pesadas metralhadoras no ombro; mais de uma vez nos mostraram, entre os mais jovens, guerrilheiros e guerrilheiras que haviam lutado denodadamente contra a guarda nacional. Uma tarde fomos a beira-mar com Sergio Ramírez e Tomás Borge. Uma criança de apenas quinze anos, cujo nome me escapa, foi recebida calorosamente e se juntou à nossa roda. Guerrilheiro de extraordinária pontaria e audácia, havia acabado com trinta homens da guarda nacional, agora chupava seu sorvete e respondia sorridente às perguntas que lhe faziam Tomás e Sergio. Não era fácil imaginá-lo de volta a uma escola, e sei que seu caso se multiplica em todo o país. Por um lado, uma enorme quantidade de analfabetos; por outro, uma geração no limiar entre a infância e a juventude, que viveu o drama dos adultos e que hoje, em condições por fim normais, terá poucas dificuldades para se ajustar a essa normalidade.

(*) Julio Cortázar é conhecido escritor argentino, autor, entre outros, dos livros "Os Prêmios" e "O jogo da amarelinha". O presente artigo foi extraído do jornal Barricada, órgão oficial da Frente Sandinista, de 22 de dezembro de 1979.



Julio Cortázar

locamento, dois aviões especiais eram postos ao mesmo tempo à nossa disposição. Torrijos retirou amavelmente o seu e na manhã seguinte mandou levar-nos ao aeroporto militar. O que se seguiu, porém, merece parágrafo à parte.

Um céu por fim livre

Pequeno, brilhante, com dois jovens pilotos e uma aeromoça que fazia nele seu primeiro vôo e estava tão excitada como nós, o "jet" que foi de Somoza e que ficou para trás na fuga nada elegante do tirano e seus agentes. Seu interior: uma banquetta lateral para quatro pessoas e duas poltronas frente a frente com uma mesa ao centro, todo forrado com peles e cheirando a dólares. A culminação simbólica: o banheiro, onde há que buscar com muita atenção o artefato necessário, porque tanto ele como as paredes e o piso desaparecem sob a decoração, algo assim como a tenda de um sheik árabe numa película de Hollywood.

Voar para Manágua em tão inesperado avião, ia mais além do sonho, e saboreamos cada minuto com um par de sanduiches e um café forte. Sentado em uma das poltronas tratei de imaginar os diálogos que puderam se dar ali: entre o ditador e os seus, seus olhos de urubu olhando pelas janelinhas os campos e os cultivos entendidos como feudo pessoal, como reino incontestável da dinastia. Podia imaginar, inclusive, o recebimento de costume no aeroporto, a guarda formada e os cumprimentos servis; nós, ao contrário, com a alegre improvisação das revoluções jovens, aterrissamos frente a uma hangar vazio, enquanto os amigos e

cessária até reduzi-lo a proporções humanas). Alegro-me que as coisas tenham ocorrido assim, pois da amistosa rivalidade de dois ministros - sem falar de um terceiro, Sergio Ramirez - nasceu uma semana na qual não somente houve contatos culturais como também uma aproximação imediata com as massas de trabalhadores da cidade e do campo. Troquei um par de mesas redondas por concentrações populares nas províncias (não sem trabalho às vezes porque o carinho e a amizade costumam exigir o dom da ubiquidade), e creio que uma semana me bastou para abarcar em seus grandes diâmetros este reduto de esperança que é hoje a Nicarágua na América Latina. Não sou sistemático nas minhas recordações e só poderei mostrar algo do que soube e do que vi; outros o farão com maior profundidade e detalhe, porque muitos historiadores, sociólogos e periodistas lá estão trabalhando sobre o terreno para que a revolução do povo nicaraguense seja por fim melhor conhecida e receba um apoio e uma solidariedade que até agora não está à altura que merece e necessita.

A encruzilhada das crianças

Falei de revolução, este é o termo que se emprega na Nicarágua para designar o estado de coisas que segue às infames décadas somozistas depois do triunfo da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Etimologicamente falando, esse termo só é correto se empregado como uma projeção futura, enquanto que libertação responde totalmente à realidade atual do país. Razões que todo o mundo conhece levam a Junta de Gover-

Continua na próxima edição

«Onde está a solidariedade com a Nicarágua?»